

Joaquim de Melo Neto  
Criador do Banco Palmas

// João Joaquim de Melo Neto Segundo

# Libertação faz-se de consciência em movimento: fé e ideologia na busca de Deus pela prática leiga

Descobriu, na militância teológica, a própria essência: espírito de fé guiado pela razão, inspirada na crença do homem como transformador da realidade. O homem, cujo trabalho é o efeito de toda causa, libertou-se do jugo dogmático para encontrar Deus, precisamente, no espaço entre cada ser no mundo. Porque Ele é o que une, busca contínua feita em direção ao outro: força circulante. Do amor em movimento, concretizou-se obra do Criador. Pelos braços em união de luta, fez-se vida em comunhão de sonhos. O ex-seminarista João Joaquim de Melo Neto Segundo sublimou-se pelo secular, terreno, mundano. O milagre é mais, justamente, assim nomeado quando se evidencia em meio às pessoas.

É de onde se veem fortalecerem-se as desgraças da sociedade. Como no lixo fétido, em que se relegam homem e bicho, confundindo-se em (des)importância aos dejetos. Sem dono, porque assim o é, livre; sem destino. A pobreza é a vivência mais inegavelmente dura, áspera, seca pela qual vulnerabilidade e lama reduzem o indivíduo ao nada existencial. O Jangurussu foi determinante. Deu-lhe a comoção, a consciência, o discernimento. Na bênção do então cardeal de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, a coragem para levar adiante a própria missão: seguir para o terreno periférico, onde havia um galpão insalubre. Colocou-se novamente à prova de Deus. Foi ser "padre" da favela.

Quando menino, acompanhando a avó à missa, deu para encantar-se com a estética da religiosidade. De viver tão despretensiosamente em definições futuras, parece até por acaso ter tomado os rumos da Igreja. Era jovem quieto, comportado, estudioso. Desprovido de referências mundanas, encontrou sentido na experiência de Deus. Mundo dado pela qualidade de sentimento. Tempo, momento, instante completo, inteiro, infinito. No qual os dois são um, o todo indivisível. Da transcendência, contudo, impõe-se o outro. Deus é em si. E também alteridade. Reação imediata contra o ego espaço-temporalmente marcada. Uma relação complexamente dinâmica, ininterrupta, que escapa sempre aquilo que é: achar-se Nele para dar-se conta do oposto material.

Não haveria pensamento mais compatível aos anseios do seminarista que os da Teologia da Libertação. O jovem Joaquim fez do materialismo

histórico uma compreensão da vida. Se em Karl Marx ecoa uma crítica a uma filosofia idealística desvinculada da realidade, pode a religião voltar-se para a terra na condição de chegar-se ao céu. Abandonou a Igreja convicto de fazer mais na comunidade: tentativa de encontrar-se pelo sentido de Deus. Afinal, não há ação verdadeiramente desinteressada de si ainda quando o resultado é concretamente coletivo. O que move os homens de fé é, visivelmente, uma angústia dissipada pelo sublime, divino, celeste. A busca de Joaquim dá-se em dois planos: espiritual e material.

Do espírito, materializou-se a construção da comunidade. Nas leituras de Leonardo Boff, a urgência em realizar apoiou-se na desnaturalização da condição social. Miséria e desigualdade são determinações sócio-históricas conseqüentes às profundas relações de dominação. Ainda explica o "padre" em "pregações" espontâneas sobre evangelho e marxismo. Não entender o processo capitalista privava os moradores de um poder de ação. Por meio da habilidade pedagógica de Joaquim, a clareza de que eles eram mais pobres porque as reservas financeiras escoavam do bairro. A solução estaria lá mesmo. No cooperativismo de Paul Singer, uma certeza: ninguém supera a pobreza sozinho. A economia solidária seria, pois, um meio humanizado de direcionar os ideais de um homem pela consciência de si, do outro e de Deus.

Sobre os desígnios do Criador, esses podem ocultar-se. Ele intenciona no absoluto inalcançável. O mistério do milagre é, no entanto, não ser misterioso: o extraordinário é o resultado do suor, do esforço, do trabalho. Quando se julga, sobretudo, impossível. Aquele seminarista jamais perdeu a fé ainda que sensibilizado pelas injustiças. Deparou, não obstante, com formas tangíveis de fazê-la crescer de dentro para fora, assim como de fora para dentro. Ao Joaquim que se tornou, do Banco Palmas, do Conjunto Palmeiras, o esclarecimento: Deus é, antes, sentimento; e depois, encontro. Estando em tudo ao mesmo tempo, por muitas vias, chega-se a Ele. O caminho é uma escolha pessoal e intransferível afeita às vocações de cada um. Tanto mais redentor quanto mais humano.

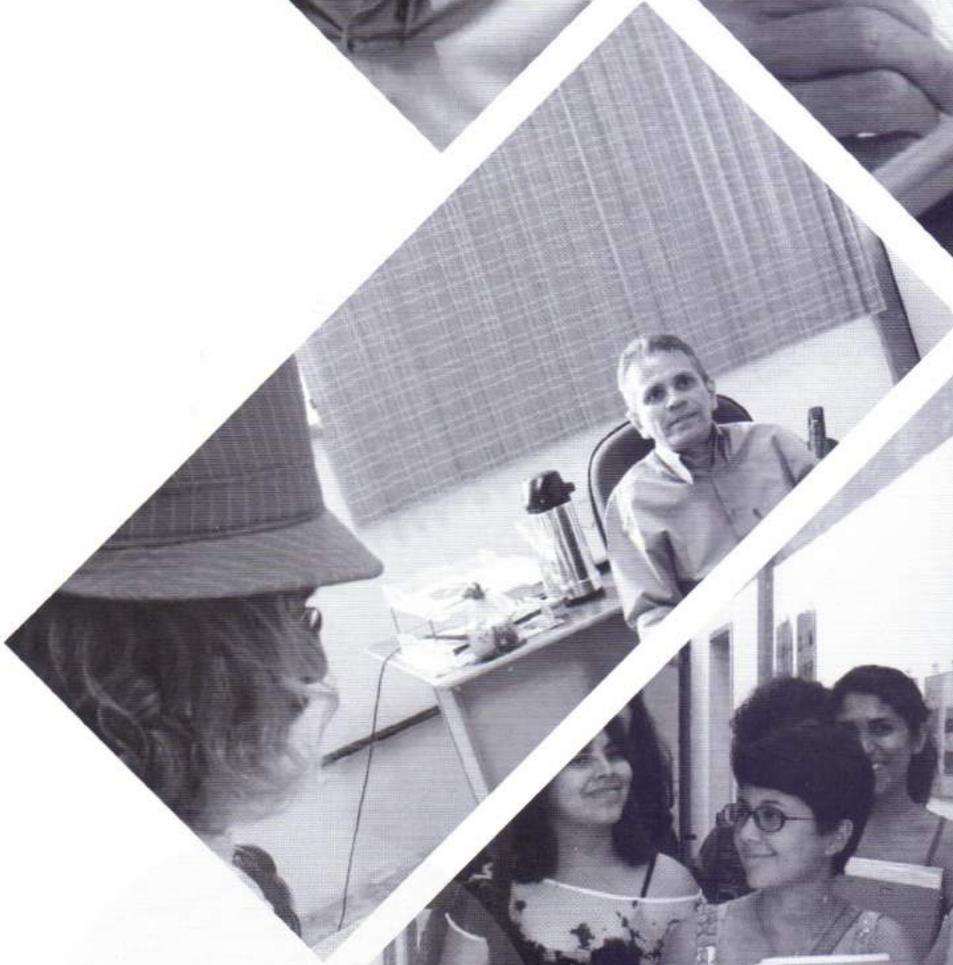
Ficha Técnica

Equipe de produção:  
Analu Morais  
Jéssica Maria Viana  
William Santos

Entrevistadores:  
Analu Morais  
Bárbara Rocha  
Camila Aguiar  
Jéssica Maria Viana  
Joyce Lopes  
Luana Barros  
Paulo Jefferson Barreto  
Raissa Veloso  
Roberta Souza  
William Santos

Fotografia:  
Nathanael Filgueiras

Texto de abertura:  
Joyce Lopes



Entrevista com Joaquim de Melo Neto, realizada no dia 28 de novembro de 2013.

**Analu** – Joaquim, na pré-entrevista, você falou que os seus pais (*Jaci Abiquara Luna de Melo e Célio Xavier de Melo*), ao contrário de você, não tinham uma grande preocupação com as causas sociais.

**Joaquim** (*interrompendo*) – É!

**Analu** – A sua mãe (*era*) uma pessoa mais contida, porque era dona-de-casa, bem mais caseira; e o seu pai era um viajante apaixonado pelos militares, como você mesmo tinha dito. Então, eu queria saber de onde vem esse olhar sensível e o cuidado com o próximo do Joaquim.

**Joaquim** – Você respirou fundo, não é? (*brincando com Analu*) Não sei! Eu costumo dizer – até brinquei na vez passada (*referindo-se à pré-entrevista*) – que, geralmente, quando as pessoas recebem uma pergunta dessas, dizem: “Ah, um dia eu estava andando na rua e vi um clarão na minha frente. Vi uma luz que me iluminou. Ouvei uma voz que vinha do além. Joaquim, Joaquim!” Eu não vi nada! Não houve clarão, não houve voz do além, ninguém (*me empurrou*) para isso. Eu acho que foi uma coisa que a vida foi colocando assim. Eu, muito jovem, adolescente... Minha vó! Lá vem a história da minha avó! Minha avó me levava para a Igreja como toda vó faz. Leva o filho dela para a Igreja, o netinho. Eu a acompanhava e via os padres falando, fui me envolvendo com aquele negócio de “coroinha”. Fui para o seminário, mas tudo de forma bem tradicional, bem conservadora, enfim.

Eu acho que a minha inspiração, a minha vida política, a minha guinada para o social, para compreender e querer me envolver com as questões sociais ou pelas causas sociais de justiça, de liberdade e de igualdade é no Pará. Lá eu me envolvo no MLPA (*Movimento de Libertação dos Presos do Araguaia*). Nesse período, a Igreja Católica – estamos falando do período da ditadura militar (*1964-1985*) – era a grande voz ou (*uma*) das poucas vozes que conseguiam falar ainda com certa autonomia. E eu conheci esse movimento porque eu vivia no seminário o dia inteiro e, no fim de semana, eu saía para a paróquia para fazer trabalhos pastorais. Essa paróquia que eu ia, que era a Paróquia do Coqueiro, onde, até

hoje, meus pais moram, tinha dois padres da Teologia da Libertação e, através desses padres, veio o conhecimento do MLPA, que era de pessoas ligadas à Teologia da Libertação (*movimento de teologia política na Igreja Católica, surgido nos anos 1950-1960, cujo lema era a opção preferencial pelos pobres, numa visão marxista*). Eram líderes que estavam se organizando para libertar os presos políticos. Mas as reuniões eram às segundas-feiras à noite. E às segundas-feiras eu (*estava*) trancado no seminário. Eu fugia do seminário! Literalmente eu fugia. Pulava o muro, aquele negócio todo, para ir para a reunião. Lá que eu conheci, de forma concreta, vários militantes políticos, vários companheiros que faziam uma discussão diferenciada da sociedade, do mundo – muito fortemente também a Teologia da Libertação, que tinha muitos padres que eram desse movimento. Eu começo ali, digamos assim, a minha abertura de formação de uma consciência crítica ou de uma vontade social, de “incomodação”, de um *status quo*, de um desejo de mudar o mundo.

**Paulo Jefferson** – Joaquim, nas conversas que você teve com os meninos (*da produção*), antes...

**Joaquim** (*interrompendo*) – Falei diferente, não foi? Isso acontece muito. O cara mente muito e não sabe o que mentiu da vez passada (*brincando com Paulo Jefferson e todos riem*).

**Paulo Jefferson** – Você falou que os seus pais ajudaram muito pouco ou quase nada na formação da sua personalidade, e eu queria saber se você acha, então, que o ser que você é hoje foi constituído mais pela Igreja, por exemplo, por esses movimentos, no caso o MLPA, de que você participou, do que na própria casa, no seio da família.

**Joaquim** – Primeiramente, eu queria dizer: a minha personalidade de hoje, o que eu sou, o que eu penso, a minha missão, a minha tarefa, minha visão de vida, foram feitas pelos pobres, de forma geral, em vários momentos. Ora os pobres que lutavam por água ou por energia aqui no (*Conjunto*) Palmeiras, ora os pobres que lutavam pela liberdade política. Mas eu formei a minha personalidade, a minha missão, inclusive os meus conhecimentos

Joaquim nasceu em Pernambuco e tem 51 anos “muito bem vividos”, como ele mesmo diz. O nome dele foi sugerido por Joyce, que o conheceu por meio de uma reportagem produzida na disciplina de Rádiojornalismo I.

Ele é o terceiro filho de uma família de quatro irmãos, mas, atualmente, apenas a caçula também está viva. Durante a infância, sempre foi o mais bem comportado e estudioso da casa.

A equipe de produção demorou a conseguir o contato dele. Depois de várias ligações para o Banco Palmas, sem muito sucesso, finalmente conseguiram os números do celular de Joaquim. O primeiro nunca atendia, mas o segundo felizmente deu certo

teóricos, podemos colocar assim, no meio dos pobres. Eu diria que, se eu pudesse dedicar quem me formou, a minha personalidade, foi a luta política no meio dos pobres. Portanto, os pobres que fizeram isso nas suas mais diversas categorias. Os meus pais, não. Os meus pais... Eu não tenho nenhum problema com eles, me dou muito bem até hoje, mas é aquela história: minha mãe era uma doméstica, uma pessoa muito simples, do povo, analfabeta. Minha mãe tem 80 anos, então imagina 40, 50, 60 anos atrás, era a mulher do lar. E meu pai era um funcionário público aposentado, mas viveu a ditadura militar e foi influenciado pelos militares, com essa história de "Vamos que vamos, Brasil!", "Ame-o ou deixe-o!", "Esse é o país que vai para frente!" (*slogans políticos da época ditatorial*). Vocês são tão jovens que nem viveram esse momento, não é, professor? (*dirige-se ao professor Ronaldo*). Mas a ditadura militar era uma ideologia muito forte nas pessoas. "Ame o Brasil ou deixe-o", quem é contra o governo, quem é contra isso tudo, é melhor ir embora do que trair sua pátria. Ele (*o pai*) tinha esse amor! Não podia ouvir o Hino Nacional que se postava com a mão no peito (*põe a mão no peito, imitando o gesto*). Amava os militares, a "briosa" Revolução de 64. E ele não era militar...

**Joyce** (*interrompendo*) – E você se identificava com essa questão dos militares antes dessa virada de pensamento que você deu?

**Joaquim** (*interrompendo*) – Não, nunca! Não, nunca! Eu saí de casa muito cedo. Fui para o seminário com 15, 16 (*anos*) – eu sou péssimo para as datas, mas 15, 16 anos, por aí. Cada vez eu digo uma data diferente. E (*como*) um adolescente, evidentemente, não tinha a visão social de mudar o mundo, porque meus pais... Misericórdia, né? Era um jovem à toa, vamos dizer assim. Um adolescente sem muita posição política. A influência deles no que eu sou hoje é zero! Nenhuma, nenhuma! Nem influência do ponto de vista ideológico,

---

**“A minha personalidade de hoje, o que eu sou, o que eu penso, a minha missão, a minha tarefa, minha visão de vida, foram feitas pelos pobres.”**

---

No primeiro contato por telefone, Joaquim parecia apressado, mas Jéssica Maria exercitou o poder de síntese para explicar a proposta da *Revista Entrevista* em poucos minutos. Os detalhes iriam depois, por e-mail.

da visão de mundo, de pensamento, nem influência do ponto de vista moral, porque eu acho que fiquei pouco tempo em casa. O meu conceito de solidariedade, de respeito pelo outro, de valorização das pessoas – aí depois, muitos anos atrás, com a economia solidária, de valorizar as relações sociais, as redes, a colaboração, a cooperação como resultado econômico de vida das pessoas – foi vindo com o tempo. Não teve influência nenhuma dos pais.

**Jéssica Maria** (*interrompendo*) – Joaquim...

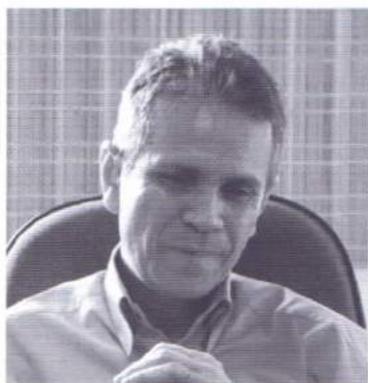
**Joaquim** (*interrompendo e continuando a resposta anterior*) – Nenhuma. (*Se você pedir:*) "Me dê uma referência sua da sua casa". Minha referência é um bem-querer, porque eu gosto deles e muito, dos meus irmãos. É gostar! Mas, realmente, eles (*os pais*) não me ensinaram nada. Estou sendo bem honesto! Bem honesto e sem mágoas e sem traumas! Acho que tem famílias que são mais influenciadas, e é bom que sejam. Eu sou, de certa forma, talvez, um pouco reacionário. Não me entendo assim, mas eu sou um defensor da família. Embora não vendo a família (*com frequência*), não morei com eles, saí de casa muito cedo, eu sou um defensor.

**Jéssica Maria** (*interrompendo*) – Joaquim...

**Joaquim** (*interrompendo*) – Eu acho que a família... Eu lhe dou a palavra (*refere-se à Jéssica*), mas eu preciso dizer isso, porque o meu discurso foi muito parecendo que eu sou contra a família. Eu acho que o trabalho hoje para resgatar essa família como laço, como referência da juventude é uma coisa muito forte. Referência como respeito!

**Jéssica Maria** – Na conversa que você teve com a gente (*antes da entrevista*), você disse que teve uma infância incomum, que viajava bastante e morou em vários lugares, mas, apesar disso, mantinha-se estudioso, apesar dessa troca constante de escola. A minha pergunta é: o que de bom essa experiência de passar por vários lugares trouxe para você?

**Joaquim** – O desaparego! Nunca ninguém me fez essa pergunta assim, mas, *de testa*, acho que o desaparego. Meu primeiro amigo... Sabe aquele amigo que você guarda lembrança da infância? Foi bem com 15, 16 anos. Cada ano eu morava num Estado diferente. Não dava nem tempo de fazer amizade. Nem na escola – meus amigos de infância, amigos da escola, basicamente, eu não tenho nenhum, porque não dava nem tempo de fazer amizade. Cada ano era em um canto diferente. Mas isso é uma coisa boa, porque a gente deu desaparego. Quer dizer, você é livre, completamente, para poder ir, vir e não está preso, não botou dentro de si nada que você não possa tirar. Uma das piores coisas da vida é quando botam dentro de você o que você não pode tirar. "Gosto tanto daquilo. Sou tão apegado àquilo". Eu acho que



Apesar da pressa, Joaquim mostrou-se interessado em participar do projeto. Prontamente, aceitou o convite para ser um dos entrevistados da edição número 31.

depois, quando eu vou para o seminário muito cedo, é um pouco disso. Eu vou numa boa. *(Pensei:)* "Saí de casa. Deixa, esquece". A ideia de que ninguém é de ninguém, de que nada é de nada, que nós somos um coletivo humano no planeta Terra. Somos bilhões de pessoas, irmãos! Todo mundo tem de tomar de conta de todo mundo. Essa é a ideia de desapego, da liberdade, de não ficar preso ao dia a dia, às pessoas, aos objetos, ao local, a um território só, à minha cidade, à minha mãe, ao meu pai.

**William** – Joaquim, você falou que o contato com os pobres construiu a sua personalidade.

**Joaquim** – Isso! Certamente.

**William** – E, na sua infância, você passou por Pernambuco, onde nasceu, pelo Piauí e pelo Maranhão até chegar ao Pará.

**Joaquim** – E Ceará!

**William** – Isso. Nesses lugares, você chegou a ver a pobreza? A partir daí foi que começou esse contato com os pobres?

**Joaquim** – Como meus pais eram pobres – não eram miseráveis, nunca passei fome na minha infância, mas eram pobres. Imagina meu pai aposentado, minha mãe doméstica. A renda que tinha era dele. Eles eram pobres. A gente sempre morou em bairros pobres, mas eu nunca vi a pobreza ou, talvez, se eu via, não enxergava. Uma coisa é você estar aqui, no meio de um bairro como esse *(refere-se ao Conjunto Palmeiras)*, e vê as pessoas passando fome, um sendo esfaqueado, o outro apanhando da mulher, mas aquilo ali já é cotidiano. Você não liga mais para aquilo. Você não vê! Ou, se você vê, você não enxerga, você não reflete, você não sente. Esse conceito "pobreza", para mim... Porque pobreza é ideológico. Tem pobre, porque tem rico. A pobreza não é uma dádiva. A pobreza não é uma coisa natural. "Eu sou pobre". "Eu sou rico". "Ah, que maravilha. Deus fez assim: você pobre e eu rico. Que coisa boa".

Não... Alguém é rico, porque tomou do pobre. Em linhas gerais, é isso! Alguém é rico, porque, de alguma forma – não estou falando se foi ele, o pai ou a mãe ou não sei quem... A cidade se divide em classes sociais não porque Deus criou ou porque é natural ser assim. Porque é uma sociedade organizada

de um jeito, desigualmente, que uns ficam ricos e outros ficam pobres. Esse conceito que eu estou chamando de pobreza é uma coisa que você adquire quando você adquire consciência crítica. No mais, você vê aquilo ali como uma coisa natural. Se me perguntar: "Você viu a pobreza?" Certamente, talvez. Como eu morava em bairros pobres, eu vi, mas aquilo não me tocava, não me influenciava. Eu era completamente alheio àquilo ali e, talvez, quem sabe, eu aceitava aquilo como uma coisa comum, qualquer, natural, banal. Passei a me revoltar com isso e dizer que isso não pode ser assim, que isso está errado, que pode ser diferente, a partir de quando eu conheço o MLPA, a Teologia da Libertação, a paróquia. As pessoas diziam: "Epa! Isso não é assim. Isso está assim no momento, mas é porque é um desarranjo da sociedade. Alguém provocou. Isso é construído. Isso não é uma coisa natural." Ser pobre não é uma coisa natural. Estou falando de pobreza econômica aqui mesmo, é pobreza que as pessoas não têm comida, roupa, saúde, educação. É uma barbárie! É uma coisa terrível que tem de ser mudada. E provocada! A pobreza... O Ceará é um Estado extremamente pobre. Fortaleza é uma cidade brutalmente dividida! É a quinta cidade mais desigual do mundo *(sinaliza com a mão)*! Por que é assim? Deus fez a pobreza assim? Foi Deus quem criou isso? Foi uma coisa naturalmente que foi acontecendo

---

**"A pobreza não é uma dádiva. A pobreza não é uma coisa natural. (...) A cidade se divide em classes sociais não porque Deus criou ou porque é natural ser assim."**

---

Nas primeiras tentativas de marcar a pré-entrevista, Joaquim estava viajando. Por isso, logo no início do processo de produção, a equipe se dedicou a pesquisar materiais já publicados sobre a trajetória dele.

Para conseguir mais informações sobre Joaquim, a equipe resolveu visitar o Banco Palmas em busca de pessoas que convivessem com ele e pudessem contar detalhes da personalidade do entrevistado.

assim? Como vocês estão aqui, mas meio que naturalmente. Nem eu convidei vocês – claro que vocês me selecionaram –, mas ninguém trabalhou dois, três anos para este encontro acontecer. Foi uma coisa natural! Foi indo e aconteceu. E a pobreza é assim? Foi uma coisa natural? Não! Não é assim! Foi uma coisa provocada. Tem toda uma praça política de leis, de legislação, de regras econômicas, de formas de se organizar a economia e a sociedade, que cria o *Apartheid* (*regime político de segregação racial que ocorreu de 1948 a 1994 na África do Sul*): uns ficam muito ricos e os outros ficam muito pobres.

**Jéssica Maria** – Joaquim, na pré-entrevista você disse que era o santinho de casa. Trabalhar ajudando o outro foi uma escolha absolutamente consciente ou você acredita que teve uma predestinação?

**Joaquim** – Trabalhar com o outro?

**Jéssica Maria** – Ajudando o próximo.

**Joaquim** – Eu não acredito em predestinação. Também não quero desacreditar nem desrespeitar quem acredita. Isso vai para o lado mais espiritual, que tem um caminho que já era traçado e tinha de ser assim. Eu acho que não. Eu acho que eu fui conhecendo a minha realidade. Eu fui conhecendo a pobreza e pessoas e movimentos. Falei aqui da Teologia da Libertação, já falei do Movimento de Libertação dos Presos do Araguaia, depois fiquei clandestino em partidos políticos... Esses movimentos me trouxeram leituras que fiz, diálogos, debates. Fui me abrindo para essa nova concepção, acho que foi uma coisa construída também. Fui fazendo a opção de viver com essas pessoas, de lutar por essas pessoas, de dedicar minha vida a essas pessoas, a abrir mão de uma série de outras coisas que poderiam ter me trazido mais conforto material – melhores empregos ou ter estudado mais, entrado para a Universidade ou ter aceitado outros convites de viagens. Eu fiz uma opção de ficar nessa militância que me dá prazer...

**Jéssica Maria** (*interrompendo*) – Nem o Joaquim seminarista via isso como um chamado de Deus?

**Joaquim** – Quando eu estava no seminário?

**Jéssica Maria** – Isso.

**Joaquim** – Tinha, tinha! Sim, aí tinha. Perfeitamente! Você fez uma pergunta bem inteligente. Por que eu fui para o seminário?

**Joyce** (*interrompendo*) – Eu queria saber justamente isso. Porque você saiu de casa com 16 anos para o seminário. Eu sei que você ia à Igreja com a sua avó e achava a missa bonita e gostava, mas o que determinou mesmo? Porque é uma escolha radical. Você afirma na pré-entrevista que foi um choque na sua casa. O que determinou a sua entrada para o seminário?

**Joaquim** – Eu vou para o seminário muito

por influência da minha avó. Eu vejo os padres e vejo os coroinhas e vejo aquele ritual litúrgico, acho aquilo muito bonito e tenho vontade de me envolver com aquilo, de ser padre. Não foi uma fuga. Eu não fugi de casa. Eu não tinha motivos de fugir de casa. Embora (*fosse de*) uma família muito simples, era uma convivência razoável. Eu fui porque eu queria ser padre. Quando eu estava na Igreja, dentro do Seminário São Pio X, em Belém, eu tinha uma certeza muito forte – porque eu sou muito forte nessas coisas das emoções. Eu tinha certeza que eu ainda iria ser um padre para fazer aquilo que eu via na igreja da minha avó, que era celebrar missa, fazer todos os sacramentos. Eu tinha uma certeza tal (*enfático*) que eu queria ser um padre. Eu não saio do seminário até eu desistir de me ordenar, já em Fortaleza. Mas eu nunca perco a fé. O que muda para mim é a visão do padre. Até chegar ao Palmeiras eu tinha a ideia (*de*) que ser padre era celebrar missa, fazer aquela festa bonita. Eu entro no seminário com essa perspectiva. Lá dentro do seminário, por causa das minhas fugas, eu conheço outro modelo de sociedade, portanto, outro modelo de ser padre, e venho para Fortaleza para ser esse outro padre, diferente. Mas eu acreditava que o padre poderia contribuir. Só em determinado momento pensei diferente do outro. Mas eu tenho muita certeza que ia ser um bom padre e acho que seria até hoje.

**Bárbara** – Joaquim, no início você disse que seus pais não tiveram muita influência na construção da sua personalidade, mas comentou que foi através da sua avó que você acabou entrando na Igreja e se tornando coroinha e, mais tarde, entrando no seminário. Além disso, a sua avó teve outras influências nas suas escolhas?

**Joaquim** – Nenhuma! Nenhuma! Talvez vocês digam: “Esse cara tem de fazer análise, porque ele veio puto com a família dele” (*brinca Joaquim, arrancando risos dos entrevistadores*). Mas eu não tenho nada... De ponta a ponta da minha vida, desde que eu me entendo por gente, sei lá, criancinha, eu nunca tive problema com a minha família. Nunca! Nem briga, nem de relacionamentos, nem discussões, nada. A distância me deu muito bem. Eu não diria que a minha avó me influenciou a entrar no seminário. Ela me deu conselhos: “Meu filho, vá para o seminário. É uma coisa muito boa. Você vai estar perto de Deus, vai ser um bom padre.” Foi a influência. Eu ia com a minha avó porque eu era o santinho da casa. Eu era a pessoa mais quietinha da casa. Dos irmãos, eu era o que estudava mais, o que era mais santo, que não gostava de *trelar*. A minha avó ia religiosamente à missa todo domingo e eu era a companhia dela. Ela era minha avó, uma senhora meio idosa. Eu ia fazendo companhia a ela. Acompanhando-a. Lá eu via a missa, eu via

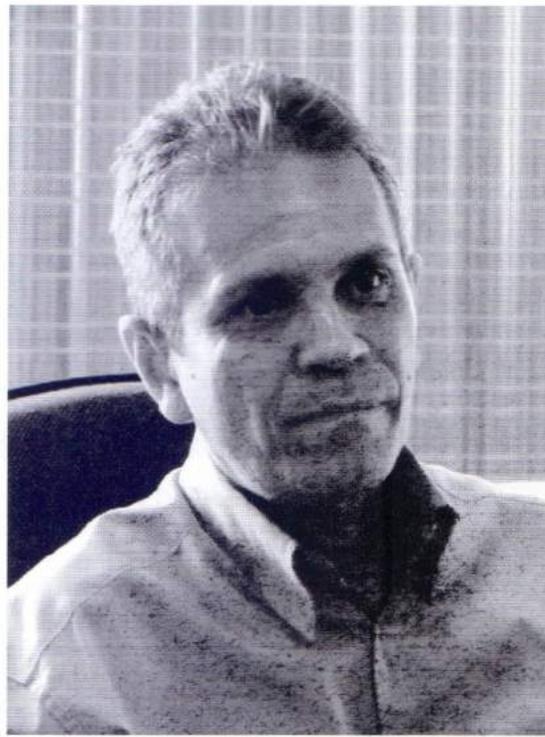
No caminho até o Conjunto Palmeiras, a equipe de produção se perdeu. Analu, a motorista oficial do grupo, não conseguia achar a Avenida Pompílio Gomes, que dá acesso ao bairro.

as coisas, o cálice, a hóstia... Pense numa missa em 1978, por aí, bem tradicional. O padre, muitos *sacerdotezinhos*, muitos coroinhas. Eu achava aquilo lindo! Achava muito perto de Deus. Depois fui ser coroinha. Eu diria que minha avó contribuiu porque eu ia com ela. Ela foi quem me apresentou, digamos, ao ritual litúrgico, mas não me influenciou do ponto de vista que ela não me aconselhou a ir para lá (*missa*).

Depois disso eu fui para o seminário, e ela ficou morando com meus pais. Eu lá, e ela cá. Ela morreu poucos anos depois, de maneira que não teve influências. Para mim, influência é uma palavra muito forte. Eu tive muita influência do Leonardo Boff (*teólogo brasileiro, escritor, professor universitário e expoente da Teologia da Libertação no Brasil*), que é um cara que nem me conhece, talvez. Já estive com ele em debates, palestras, mas não tenho uma relação pessoal com ele. Mas ele é um cara que me influenciou, porque eu li os livros (*dele*). Chorava com as coisas dele! Quando foi perseguido e expulso pela Santa Sé, eu fiz uma campanha na paróquia. Pregava foto dele, a condenação dele na parede. Ele me influenciava. As coisas que ele disse... A visão "que Deus não tinha... Dos 12 sacerdotes, 11 eram casados." Leonardo Boff dizia lá naquele livro dele *Igreja: Carisma e Poder*: "A Igreja é puta e santa. A Igreja é poder... O Vaticano é um sacrilégio." Porque a palavra Igreja vem de *ekklesia*, quer dizer, o povo reunido. A estrutura da Igreja é poder, é um sacrilégio, é coisa do satanás. Aquilo me incendiava! Quando eu vim para Fortaleza fazer a experiência dos padres na periferia, era com uma influência muito forte. Eram esses conceitos na cabeça. A Igreja era uma outra coisa. Não era aquele templo que eu conhecia, que eu entrei, aquele padre que cuidava da beleza e da estética sem nenhuma raiz com os pobres, com nada. Isso é uma influência, digamos assim. Por isso que eu digo que ela (*avó*) não me influenciou, ela contribuiu.

**Camila** – Joaquim, você falou que, antes de manter contato com os movimentos e essas leituras, você era um jovem à toa. Quando você entra no seminário você começa a ter contato com esse pensamento da Teologia da Libertação e agora você falou do Leonardo Boff. Eu queria saber qual a maior contribuição que a Teologia da Libertação trouxe para você.

**Joaquim** – Eu diria duas certezas: a certeza de que a sociedade, o mundo pode ser diferente, que esse mundo que está aí não é um mundo dado, é um mundo construído. Esse é um mundo de classes. Esta é uma certeza: que os pobres podem construir uma nova sociedade, uma nova relação econômica, um novo modelo econômico a partir de sua organização. A Teologia da Libertação é muito segura no *Livro do Êxodo*, que Jesus diz: "Eu vi, ouvi e desci



para libertar o meu povo." Lá na passagem do Mar Vermelho é o Jesus que desce para libertar o seu povo. Tinha uma palavra muito forte que era lutar contra a pobreza. Então, essa certeza de que a comunidade organizada, que os pobres organizados podem construir uma nova sociedade com justiça, com igualdade, com bem-estar para todo mundo, e essa é a sociedade prometida nos Evangelhos, na Bíblia. Essa é a sociedade sonhada por Deus, criada por Deus. Isso veio da Teologia da Libertação muito fortemente. Foi na leitura do Leonardo Boff, que ele dizia isso muito grande: "A cidade que está aí é a cidade do demônio. Os homens... Essa não é a natureza que eu fiz." Tem uma música que ele cantava muito: "Não é essa aí a natureza que eu fiz / cheia de pedaços, por grandes ricos / destruída pelo homem que eu fiz." Era o princípio de resgatar o projeto original de Deus. "Ele é Pai, ele é Pai de bondade." Não tem um pai no mundo ou uma mãe, se tiver dois irmãos aqui, que diga: "Quero que esse aqui fique passando fome e essa aqui fique muito bem numa casa com piscina." Não tem pai e mãe que queiram isso para dois irmãos.

**Analu** (*interrompendo*) – Joaquim!

**Joaquim** – Já te dou a palavra, porque agora eu *tô* pregando (*faz o sinal da cruz*)! Virei meio que pastor (*todos caem na gargalhada*). Não foi Deus que criou esse mundo que tem o pobre e o rico. Foi alguém contra a vontade de Deus, então nossa construção é do homem. É isso o que diz a Teologia da Libertação.

**Raíssa** – Quando você teve a experiência de atuar junto à população mais pobre e morava no seminário, onde vivia confortavelmente, você teve conflitos com os padres mais reacionários.

Após algumas paradas, pedidos de informação e a ajuda da guia oficial do grupo, Jéssica Maria, finalmente os três estavam no rumo certo. O apoio moral de William também foi fundamental, acredita ele.

Ao chegar ao Conjunto Palmeiras, uma pintura em um muro chamou atenção: "Bem-vindo ao bairro da economia solidária". A partir dali, não demorou para acharem a Rua Valparaíso, onde fica o Banco Palmas.

Logo na fachada do banco, os dizeres de Paul Singer traduziam o espírito empreendedor que existe no Conjunto Palmeiras: "Ninguém supera a pobreza sozinho".

**"(...) eu nunca perco a fé. O que muda para mim é a visão do padre. Até chegar ao Palmeiras eu tinha a ideia (de) que ser padre era celebrar missa."**

Conflitos ideológicos, em relação a essa vida confortável que você tinha no seminário e à forma como você atuava com as pessoas mais pobres. Como é que você se sentia vivendo confortavelmente e atuando com a população mais pobre?

**Joaquim** – Louco! Completamente louco! É por isso que eu faço a loucura de vir para Fortaleza sem nada, com a mala na cabeça. Era uma contradição gigantesca, além disso, fugido. Você imagina um cara santinho como eu era... Eu era um cara comportado. Não era um cara irresponsável, *piradão, malucão*. Era um cara dentro dos padrões, mesmo dentro do seminário. Tinha um contato nos fins de semana com uma paróquia que não tinha muitos pobres, mas era uma Paróquia de Teologia da Libertação muito forte, eu tinha o contato com o MLPA, que discutia como se libertar... Admitia-se até um ato suicida, que a gente invadia o quartel para libertar os padres à força enfrentando o fuzil dos militares. Voltava para o seminário e passava a semana toda comendo, rezando, dormindo, estudando, tudo pago, era de graça. Você imagina eu, muito jovem, 18 ou 20 anos, que estava com o pensamento muito mais aberto, muito mais afoito, com muito mais coragem, com muito mais rebeldia. "Juventude sem rebeldia é uma velhice precoce." Isso era uma poesia que a gente tinha e gostava muito de dizer isso. Ser jovem era ser rebelde, aquilo ali era uma coisa que, completamente, me enlouquecia. No seminário a gente fazia teatro, música, tudo da Libertação. E os padres tinham uma loucura. Eles, se pudessem me matar, eles me matavam, de preferência com um cálice. "Lá vai o Jesus, tu aceitas o nome." (*brinca Joaquim, fazendo toda a equipe rir*). Eles queriam me matar. Agora tinha uma coisa: eu tirava as melhores notas no seminário. Os caras faziam uma teologia pelega, bem reacionária, só que eu lia. Eu lia a minha, que eu queria, e a deles. Os alunos todos santinhos. Só tinha santo.

Como banco comunitário, o Palmas atua com duas linhas de crédito que estimulam a criação de uma rede local de produção e consumo. Desde 2000, além do real, a moeda social palmas circula no comércio do bairro.

Todos quietinhos e tiravam notas menores. E eu tirava as maiores. Tirava quase 10! Isso, para um seminário, é muito importante. A eficiência. Um padre inteligente era muito importante, então eu era o melhor seminarista que tinha. Jam expulsar o seminarista que tirava 10? Não podia. "Não, é porque ele é doido. Fala muita..." Não tinham argumentos para me expulsar e ficavam loucos. Eu sabia muito como fazer a coisa.

**Luana** – Você falou que veio para Fortaleza para participar do (*projeto*) Padres na Favela a convite do Dom Aloísio (*Lorscheider, então arcebispo de Fortaleza*). E você falou das suas influências, que influência para você é uma palavra muito forte. Eu queria saber qual a influência que o Dom Aloísio tem na sua vida.

**Joaquim** – Nossa! Todas! Muitas! Todas não, muitas. Primeiro, de escutar. Dom Aloísio é um cara sábio, sábio na sua teoria, no seu conhecimento teórico, que ele estudou muito, e sábio de sabedoria de vida, sábio na sua experiência com os pobres, e de uma humildade! É um cara forte, um gaúcho forte. Mas, fisicamente, Dom Aloísio é um gaúcho alto, forte, um homenzarrão, uma presença imponente muito grande. Um conhecimento teológico, filosófico profundo. Estudou na Alemanha, estudou os manuais de Karl Marx, estudou com Manfredo Oliveira, que é um dos maiores filósofos do Brasil, de Fortaleza (*professor da Universidade Federal do Ceará – UFC*). Era um cara que sabia muito, conhecia muito e com uma capacidade, com uma humildade de ouvir as pessoas!

Dom Aloísio fazia pastoral assim: ele ia para o meio de uma favela e sentava, do jeito que nós estamos aqui (*estávamos em círculo*), na cadeira, e o povo da comunidade ficava falando com ele as coisas, os problemas da comunidade, os dilemas da vida, as pobreza, as agruras, brigas, intrigas, tráfico, drogas. Ele passava horas ouvindo aquele povo na comunidade, conversando, tomando um cafezinho, sentado no chão, sentado em cima de panos, de redes. Essa capacidade de ouvir, de escutar os mais pobres, de aprender com os mais pobres, de ver os pobres como grandes portadores de conhecimento, que ensinam e que você tem muito de aprender com eles e de escutar e de aprender, e ter muita paciência e humildade. Isso, para mim, era a grande lição do Dom Aloísio. É próprio do sábio – a humildade. Dom Aloísio era o exemplo disso, do serviço. Ele era grande, porque se colocava pequeno. Ouvir, escutar, caminhar no meio dos pobres, eu fazia isso com ele adoravelmente. Eu achava a coisa linda como era que aquele homem, com aquela sabedoria, internacional... Tudo que ele era, passava três, quatro, cinco horas numa favela das mais pobres, em barracos, sentado, ouvindo, conversando alegremente com as



peças. Isso era outra coisa de Dom Aloísio. Era capaz de se alegrar ao ver a cidade. Uma coisa é conversar com os pobres *tristinhos*: "Que pena, os bichinhos. Foi, criatura". Que nada! Era presença viva, de alegria, de vamos que vamos, vamos mudar isso aqui, "Como é que a gente pode fazer?" (Joaquim brinca, dizendo que não aprendeu com Dom Aloísio, porque ele só fala, não escuta).

**Roberta** – Num dos diálogos que você teve com o Dom Aloísio logo quando você chega em Fortaleza, você diz que queria ser igual ao povo. E ele, diante da sabedoria dele, disse que talvez você não precisasse ser igual ao povo, mas se aproximar dele, viver um pouco daquelas experiências. Para ser igual ao povo você teria de viver como eles, e isso gera algumas reflexões.

**Joaquim** – Imensas!

**Roberta** – Depois das experiências que você teve aqui na comunidade, depois de anos desse diálogo, você acredita que é igual ao povo hoje ou você ainda está tangenciando?

**Joaquim** – Olha, talvez eu possa responder se eu pegar as coisas que Dom Aloísio me disse. Estou falando de 1980, estamos em 2013, então faz 23... Quantos anos?

**William** – Trinta e três anos.

**Joaquim** – Trinta e três anos. Então, talvez, responder as perguntas que ele me fez 33 anos atrás sirva para agora. Ele me disse: "Você quer ser igual ao povo?" "É, quero morar como o povo, ser igual ao povo." "Tudo bem, pois então você precisa ter duas ou três mulheres, porque os pobres são assim, eles estão com uma, duas, três mulheres." Hoje eu não tenho mais essas três mulheres, aliás, eu não tenho nenhuma. A bichinha morreu ( *sinaliza para o quadro com a foto de Sandrinha, sua ex-mulher*). Eu não tenho três mulheres. "Você quer ser igual ao povo? Então vai ter de tomar cachaça todo dia." "O que é isso, Dom Aloísio!?" "É! Os pobres na favela tomam cachaça. Bebem! Você não quer ser igual a eles? Igualzinho?" "É!" "Tem de beber cachaça todo dia." Até hoje eu não bebo. Bebo bem pouquinho, só nos fins de semana e é uma

frescura. Tem de ser uma cervejinha gelada. Drogas. Os pobres usam drogas. E muitas drogas, de vários tipos. Eu não uso drogas. Eles comem muito mal, eles passam fome, eles não têm plano de saúde, eles não têm casa, eles moram em barracos insalubres, eles têm uma vida muito mais perigosa. Então, eu tenho compromisso com o povo total, total! Cem por cento. Eu não tenho outro compromisso na minha vida com ninguém. Nem com mãe, nem com filho, nem com mulher, com nada! A minha vida é dedicada a isso, mas eu estou muito longe de ser igual ao povo. Muito longe de ser igual ao povo. Eu tenho uma vida muito melhor do que a que o povo tem. Desde suas relações sociais, em casa, com a família. Eu estudei! Eu fiz Teologia. A maioria do povo não estudou. Eu tenho plano de saúde, eu tenho casa, até um carro eu tenho, por mais que seja velho, mas estou muito distante de ser igual ao povo. Isso não reduz nenhum pouco o meu compromisso com ele (*o povo*). Minha responsabilidade... O meu compromisso com ele em defender a causa. Mas eu estou longe de ser igual ao povo. Todos vocês. Vocês são a elite. Vocês são a elite no meio do povo. Vocês cursam universidade, vocês têm uma família, vocês comem todo dia, vocês têm um pai, uma mãe ou uma avó que cria vocês. Se vocês saírem daqui e forem andar no Palmeiras, nas favelas, vocês vão ver o que é o povo, como é que o povo mora, como é que o povo vive. Apesar dos números que mentem muito. A maior mentira deste país, a maior mentira deste país, e talvez a academia seja a responsável por isso ou os acadêmicos. Não a academia, mas os acadêmicos, que fazem os estudos, é dizer que o Brasil superou a pobreza. O Brasil é um país que tem milhões de pobres, milhões de pessoas vivendo na extrema pobreza. Porque aquela ideia de que pobre superado quando R\$ 70... Mais do que isso deixou de ser pobre, é uma das maiores aberrações à situação de pobreza que o povo vive. O Brasil tem milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza. Eu estou falando de pobreza rasteira. Claro que pobreza também são as relações sociais... Mas

Antes da existência do banco Palmas, os 32 mil moradores do Conjunto Palmeiras tinham de se deslocar consideravelmente para fazerem qualquer transação financeira. A agência bancária mais próxima fica a sete quilômetros da comunidade.

A atendente Juliana foi quem recepcionou os estudantes, que aproveitaram para visitar o Instituto Palmas e a Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras, a qual, infelizmente, estava fechada.

De volta ao banco, a equipe ficou surpresa com a chegada de Joaquim. Não esperavam encontrá-lo, pois acreditavam que ele estaria viajando, conforme havia informado por telefone

## “Não foi Deus que criou esse mundo que tem o pobre e o rico. Foi alguém contra a vontade de Deus, então nossa construção é do homem. É isso o que diz a Teologia da Libertação.”

estou falando de pobreza física, econômica, material. Existem milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza. Muito diferente de nós que estamos nesta sala.

**William** – Joaquim, você falou que, quando chega a Fortaleza e vai para o (*projeto*) “Padres na Favela”, a sua vida começa ali. Naquela época, por que você queria ser igual ao povo?

**Joaquim** – Era uma ilusão sociológica. Era uma ilusão sociológica (*de*) que eu seria igual ao povo. O que Dom Aloísio quis dizer com “você jamais será igual ao povo” não era que eu ia ser burguês, ou que eu não teria dedicação à luta do povo, ou que eu não seria um grande militante. Ele quis dizer o seguinte: para você ser um grande defensor do povo, das causas populares, não precisa você viver como eles vivem, ou ser como eles são. Não precisa isso. Se você for igual a eles, excelente! Você já é igual a eles. Mas não precisa você ser. Você imagina, eu era um seminarista! Então, eu vivi materialmente falando... Hoje, materialmente, eu tenho bem mais bens materiais do que eu tinha em 1984. Em 1984 eu tinha bem menos dinheiro, era bem mais pobre... Uma noção rasteira de pobreza sem dinheiro, bens materiais. Em 1984 eu não tinha um plano de saúde, não tinha um emprego, eu não tinha uma carteira assinada, eu não tinha uma casa para morar, eu não tinha um carro, enfim. Coisas que eu tenho hoje. Em 1984 eu não tinha. Mesmo não tendo, eu não era igual ao povo. Primeiro, eu tinha a proteção do bispo. Quem é do povo que tem a proteção do bispo? Se eu adoecesse, me desse uma gastrite, ou uma úlcera, e tivesse de fazer uma cirurgia, o cardeal me pegava e botava em um hospital. Ou ia deixar eu morrer à míngua? O pobre morre à míngua. Se eu fosse preso pela polícia, certamente o cardeal botava um advogado para tentar me soltar. Eu tinha proteção da Igreja. Eu estudava filosofia e teologia. Olha que privilégio, em relação ao povo. A gente

A primeira entrevista foi realizada com Otaciana, funcionária do Banco Palmas. Ela convive com Joaquim desde 2000. Muito receptiva, mostrou-se bastante comunicativa e disposta a ajudar a equipe.

tem de entender que ser igual ao povo é ter as características de vida... Para ser igual ao povo, não basta não ter as coisas que o povo não tem. É toda uma história, uma dinâmica, uma vida, relações sociais que você tem. Foi isso que Dom Aloísio quis dizer. “Jamais você será igual ao povo, meu filho”.

**Joyce** – A sua primeira experiência aqui em Fortaleza foi no Jangurussu.

**Joaquim** – Que hoje é (*bairro*) João Paulo II.

**Joyce** – É a partir dessa experiência que você toma o real conhecimento, consciência verdadeira da condição do povo?

**Joaquim** – Eu diria que eu radicalizo ali minha fé, já que nós estamos levando a coisa para o campo religioso. Eu radicalizo ali minha fé. Ali eu digo: “Olha, a humanidade é uma barbárie, a sociedade é extremamente dividida, o ser humano está se acabando como espécie. Eu vou, daqui para frente, dedicar-me a isso. Pronto”. Se eu pudesse fazer um esforço, (*lembrar*) de um momento, digamos assim, que você se define, em definitivo você toma uma decisão, é ali. Eu digo: “A minha vida vai ser essa”. E assim o foi, de lá para cá. Hoje com os bancos comunitários, antigamente com as lutas do bairro. Cada momento com uma história diferente. Mas assim o foi, de forma linear, sem ter paradas, sem ter tido crises.

**Paulo Jefferson** – Você falou agora que sua experiência na rampa (*de lixo*) do Jangurussu, vivendo com catadores, foi a primeira grande experiência que você teve diretamente com os pobres. E pelo visto foi muito marcante na sua vida. Mas você construiu mesmo a sua militância, digamos assim, junto com os pobres, aqui no Palmeiras. Inclusive resultou nisso tudo que hoje tem aqui, como o Banco, o Instituto Palmas. Eu queria saber o que é que o Palmeiras teve de diferente, por exemplo, do Jangurussu.

**Joaquim** – Evidentemente que o tempo. Eu estou, desde (19)84 para cá, (*há*) 30 anos no Palmeiras. Lá (*no Jangurussu*) eu fiquei seis, sete meses.

**Paulo Jefferson** (*interrompendo*) – Mas você resolveu se fixar aqui (*Palmeiras*)?

**Joaquim** – É. A vida me levou para ficar aqui. Mas eu digo: a grande diferença do Palmeiras para o Jangurussu talvez fosse que o Palmeiras era um bairro pobre como lá, mas onde as pessoas queriam mudar a situação. Tinha uma luta social muito forte para transformar a favela em um bairro popular. Eles estavam em um grau de pobreza não tão grave (*enfático*) como no Jangurussu, onde os rampeiros, os catadores já não sonham mais. Eles já se entregaram para aquela vida total de miséria, de pobreza; destruição do ser humano como ser. Eles são bichos, animais. Na rampa você não sabe o que é o ser humano, o que é o bicho, o que é o caminhão do lixo. É uma coisa só. Eles não

sonham mais. Eles não têm mais estratégia de vida, de luta. O Palmeiras, não. Era um bairro muito pobre, mas as pessoas estavam lutando para ter água, para ter esgoto, para ter creche, para ter as coisas. Eles tinham sonhos, que lá (*no Jangurussu*), pelo aguçamento da desgraça humana... É porque hoje não tem mais (*o aterro sanitário foi desativado há 15 anos*). Fortaleza não tem mais lixão. Mas, quando você tem um lixão tradicional, onde as pessoas vivem daquilo, a maior felicidade é quando chega o caminhão do supermercado, que chegam os produtos estragados. O supermercado não quer mais. Frango estragado, verduras, frutas vêm no caminhão. E eles (*os catadores*) mapeiam, sabem os caminhões que vão chegar, que horas, de onde vêm. Quando vêm os caminhões de lixo que trazem os produtos dos mercadinhos, dos supermercados, eles se amontoam uns em cima dos outros, jogam-se em cima do lixo para catar. Frango, carne podre, lixo podre. E aquilo é para comer e para vender, porque ao redor da rampa tem umas bodegas que vendem tudo podre, que é o prato de luxo das famílias que moram ali. Ter um frango podre para comer na hora da janta é uma felicidade gigantesca! É a vida! O que uma pessoa que vive assim quer, sonha, pensa? Bebe exaustivamente, porque tem de beber mesmo para poder suportar. Come lixo. A vida sexual privada não existe, porque são todos, quase, uma família só. Cinquenta, 100, 200 pessoas vivendo abertamente umas na frente das outras. (*No*) Palmeiras, não. Palmeiras era um bairro muito pobre, mas tinha sonhos, pelo menos. Sonhos que lá (*no Jangurussu*) não tinha.

**Jéssica Maria** – Joaquim, nessa experiência de morar seis, sete meses no aterro do Jangurussu, você disse que radicalizou sua fé. Como você fez para manter a fé ante o caos?

**Joaquim** – Perto deles. Para ser honesto com os catadores, mais uma vez, eu não morei dentro da rampa, no meio deles. A gente morava – que era uma coisa assim (*imita com as mãos um monte*) – na parte de baixo. Eles moravam ali por baixo, mas eu não morava em cima da rampa não. Como foi para manter minha fé?

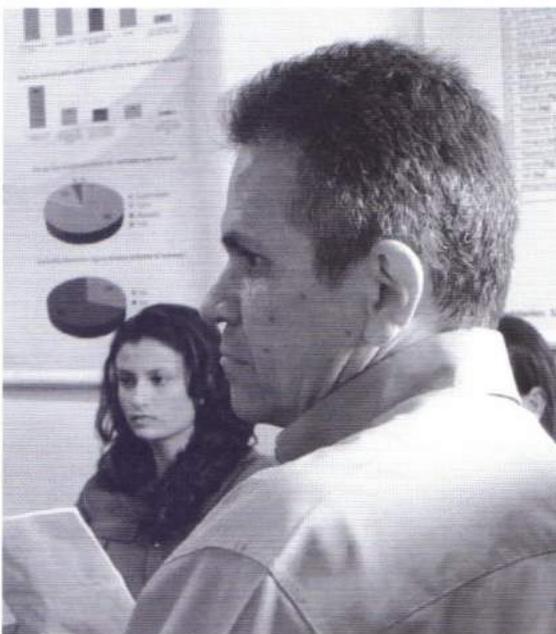
**Jéssica Maria** – (*Manter*) a fé ante o caos, em uma situação de pobreza extrema.

**Joaquim** – Acho que aí vai entrar um aspecto muito forte da tua decisão de vida, da tua fé. Eu me decidi a fazer isso. Eu me decidi a fazer isso.

**Luana** – Joaquim, mas em nenhum momento você fraquejou? Porque é um situação muito difícil. Você mesmo falou que as pessoas que viviam lá (*no Jangurussu*) tinham de beber para aguentar. Como é que você fazia para aguentar? Em nenhum momento você pensou em desistir, mesmo tendo sido sua

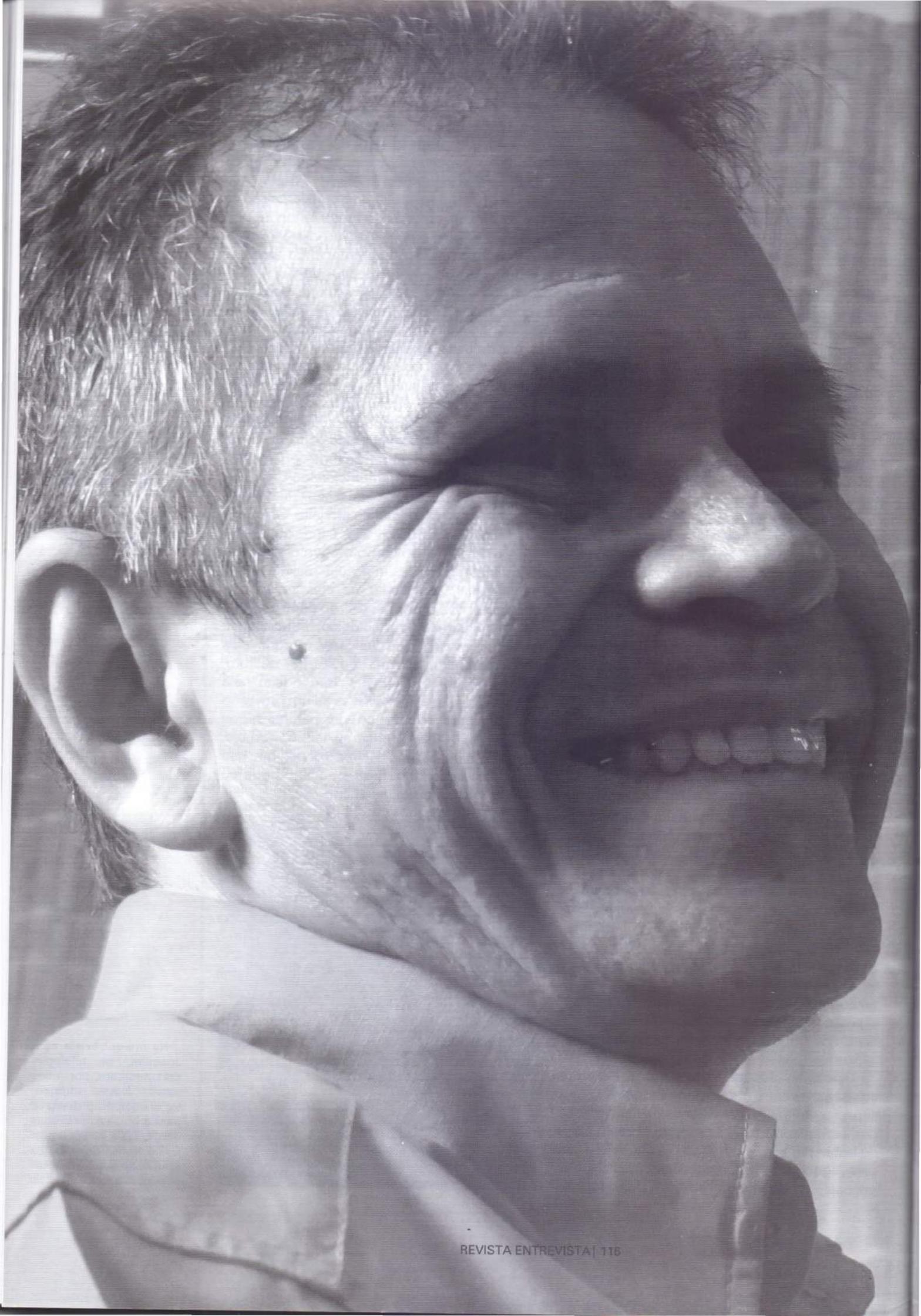
decisão de vida?

**Joaquim** – Nem lá (*no Jangurussu*), nem cá (*no Palmeiras*). Você imagina o que era a rampa do Jangurussu e o que é o Palmeiras hoje. É um *filé mignon*, é uma Aldeota (*bairro nobre de Fortaleza*). Mas nem lá, nem cá. Porque lá era uma situação muito difícil, aqui também é, hoje. Eu acho que não (*fraquejei*). Até certo momento, até o final dos anos 1980, era aquela coisa do sacerdócio, que eu estava no seminário. Depois, eu deixei de ser padre, mas eu carrego essa coisa como missão e uma crença. Eu acredito até hoje (*enfático*), eu acredito até hoje! E o banco comunitário é isso, (*prova*) que é possível se criar... Mais do que isso. Eu acho que a única possibilidade de se criar uma sociedade, vamos chamar de justa, igualitária, humana, socialista, o nome que você quiser dar, é organizando as comunidades das suas mais diversas formas. Criando bancos (*comunitários*), criando produtos, criando economia, criando cultura, criando arte, criando liberdade, criando vida, criando educação. Nenhum governo, por melhor que seja, por mais bem intencionado que seja, será possível de criar a nova sociedade que nós sonhamos, cada qual de um jeito. Só quem faz a mudança, só quem será capaz de fazer a transformação é o povo. Só o povo organizado em suas comunidades, nas suas mais diversas comunidades, será capaz de criar uma nova sociedade, nova relação social, do ponto de vista ecológico, humano, psicológico, educacional. Não é o governo que vai fazer, porque eles não determinam. Isso não é feito por decreto, isso é feito por organização, isso é feito pela mobilização, isso é feito através de um processo de conscientização que vem das periferias, que vem do povo. Essa crença eu tenho até hoje. Isso que aguentou, que não fez romper, que não fez mudar o caminho. Essa crença. Porque eu acredito mesmo nisso (*enfático*).



Durante a conversa com Otaciana, Joaquim apareceu na sala sinalizando que estava disponível. A entrevista teve de ser interrompida para aproveitar o tempo vago dele.

Na pré-entrevista com Joaquim, os telefones dele tocaram por duas vezes. Nesse momento, a equipe aproveitava para discutir as próximas perguntas a serem feitas. O telefone de Jéssica Maria não ficou atrás, tocou três vezes.



“Para ser igual ao povo, não basta não ter as coisas que o povo não tem. É toda uma história, uma dinâmica, uma vida, relações sociais que você tem.”

No fim da pré-entrevista, Joaquim brincou com a equipe de produção, perguntando se ainda precisaria participar da entrevista com o restante da turma. Eles riram e disseram que sim.

Quando eu não acreditar eu estou completamente destruído. Nada mais. Porque o sofrimento é tão grande (*enfático*)! Estar aqui hoje, no Palmeiras, (*assim*) como estar no Jangurussu, é um sofrimento violento. Físico, eu estou falando. Você imagina que, por dia, aparecem aqui pessoas desesperadas, que não têm o que comer, que o marido deixou, ou o filho foi esfaqueado. Quer ir para o hospital, não tem vaga; a mulher quer fazer uma cirurgia e está três meses na fila de espera. "O menino vai morrer" (*diz*), e não tem acesso no hospital. E elas vêm aqui falar com a gente, porque a gente é referência, *né*? Isso é uma dor incomensurável. Então, por que não desiste? Por que não sai desse perrengue danado? Porque a gente acredita. Eu acredito que é possível se criar uma nova humanidade, que nós estamos contribuindo para isso. Eu tenho crença.

**Analu** – Para o Joaquim, que já tinha uma experiência religiosa, o que foi mais difícil de ver junto à comunidade pobre?

**Joaquim** – Eu acho que o aguçamento da pobreza, até onde pode chegar o descaso com a vida humana. Como é que um ser humano pode estar tão desprezado, tão alheio à política pública, tão esquecido pelo Estado àquele ponto. Porque eles são verdadeiros moribundos. Hoje em dia, os lixões estão até mais humanizados, mas antigamente eram verdadeiros seres moribundos. Loucos, completamente sujos fisicamente, deteriorados na pele, nos olhos, cabelos. Quase que malucos, quase que andróides, vivendo dentro do lixo. Como é possível? Até que ponto chegam a crueldade e a pobreza! O quanto a miséria humana é capaz de destruir a pessoa humana! O aguçamento disso, a profundidade que chega a pobreza, ou a destruição que a miséria e a pobreza fazem no ser humano é uma coisa muito forte de você ver, e você só dimensiona quando você vê. Esse é o grande problema dos nossos teóricos e o grande problema de quem faz as políticas públicas no nosso país: eles não conhecem a pobreza, eles só leem a pobreza. Eles não vão nas favelas, nas periferias, nos bairros pobres. Eles estudam nas universidades, vão para os governos, fazem as políticas que leram

**"Só o povo organizado em suas comunidades, nas suas mais diversas comunidades, será capaz de criar uma nova sociedade (...)"**

Na volta para casa, Analu, William e Jéssica Maria comemoram as informações levantadas. Animados, já pensavam na construção da pauta e nas primeiras perguntas.

nos livros, e não conhecem. Aí a frase do Frei Betto (*escritor e religioso brasileiro, adepto da Teologia da Libertação*), que a gente gosta muito: "a cabeça pensa onde os pés pisam". A cabeça pensa onde os pés pisam. Então, se você não pisou, se você não viu, a cabeça só pensa o que você imagina, o que você leu. A gravidade, a brutalidade da miséria... Estamos falando do lixão, mas você encontra no Palmeiras ainda hoje. Se você nunca foi, você só pode imaginar. Por mais esforço mental que você faça, você não consegue chegar nem perto do que é. Nem perto do que é. Essa cabeça formatada, eu não estou dizendo que são vocês, mas a maioria, hoje, dessa juventude que serão os futuros médicos, advogados, doutores, só conhece o caminho de casa para o shopping, do shopping para a universidade, e fica por ali.

Na universidade me chamam muito para dar palestra, e eu vou. A primeira coisa que eu faço: mostro o mapa de Fortaleza e faço uma brincadeira. Geralmente é faculdade particular que me chama (*pergunta*): "Onde é que vocês moram?" Geralmente mora do (*estádio*) Castelão para lá (*em direção ao litoral*). (*Pergunta*): "Onde é que vocês andam?". Eles andam (*na*) praia, no shopping. A zona norte da cidade. Sabem nem onde é o Conjunto Palmeiras, onde é a periferia, onde é a favela. Se você for falar das coisas daqui não vão entender, é difícil demais. Nunca pisou. Não tem ideia, não tem dimensão. Tem medo. Tem medo. Porque ouviu no rádio que é violento. Mas não dimensiona o que é. Vai (*fala com Roberta, que demonstra querer perguntar*).

**Roberta** – Quais seriam as estratégias que você, como uma liderança notável aqui no Conjunto Palmeiras, utilizou para que essa transformação possa hoje ser vista de uma forma concreta?

**Joaquim** – Debate. Utilizei e utilizo. Conversar com a comunidade, debater, mostrar, ensinar, levar conhecimento. Porque a gente vive em uma sociedade (*que pensa*) assim: "Aos pobres a assistência". Eles são tão pobres, eles são tão descabidos de conhecimento, de inteligência, de tecnologia, que eles merecem só que a gente dê assistência. Então vamos levar bolsa, assistência, um médico, os serviços. Você tem de partir de outra perspectiva. Eles são produtores de conhecimento, de tecnologia e de serviços. Para isso, tem de dar oportunidade.

Por exemplo, como é que tudo começou aqui? Com esses mapas (*de produção e consumo local*). A gente mostrou para o povo. E fizemos com eles esse estudo socioeconômico. Visitamos casa a casa e mostramos quanto cada qual consome, o que gasta, onde gasta, e qual é o preço. Eles viram que tinham R\$ 6 milhões de reais por mês sendo gastos aqui no bairro, mas R\$ 5 milhões fora do bairro. Porque eles compravam roupa, calçado, cortavam cabelo

fora do bairro. Tudo isso podia ser feito aqui. Aqui ao lado (*do Banco Palmas*) a gente tem uma fábrica de aplicativo de celular. Nós estamos pegando jovens da comunidade, ensinando eles a criar aplicativo. Ano que vem vamos criar um programa de computação. Ou seja, você é capaz de fazer tecnologia. Não só consumir os produtos que os ricos produzem. Não só consumir o *tablet*, não só consumir o *smartphone*. Como é que a gente pode produzir *smartphone* e *tablet*? Essa que é a crença. Os pobres podem ser produtores. Nós podemos produzir. Quando começou o Banco Palmas, 15 anos atrás, você pega os vídeos de minhas palestras, eu dizia: "No meu bairro não tem um universitário. Não tem uma pessoa cursando a universidade". Isso (*eu falava*) geralmente quando eu estava nas universidades. "Vocês são privilegiados" (*falava aos universitários nas palestras*). O que é que nós fizemos? Nós criamos uma Escola Cooperativa Palmas, uma escola pré-vestibular. E dissemos: "Nós somos capazes de ensinar uns aos outros e passar no vestibular". Uns já são professores da universidade, morando aqui. Outros no mestrado (*enfático*), morando aqui.

**Camila** – Joaquim, você falou que chegou a concluir o curso de Teologia.

**Joaquim** – (*interrompendo*) Foi, somente.

**Camila** – Mas decidi não se ordenar padre, porque, (*conforme*) você disse, acreditava que poderia dar uma contribuição maior para os pobres fora da igreja, do que como padre.

**Joaquim** – (*interrompendo*) Exatamente.

**Camila** – Por que você acreditava nisso?

**Joaquim** – Porque o clero é engessado. E o clero de Fortaleza é muito conservador. Depois de Dom Aloísio, piorou, ficou muito conservador, cheio de regras, de instituições, de limites. É um clero muito ligado à celebração litúrgica, a fazer missas. Uma contribuição dessas que eu dou 24 horas, em reuniões, em comunidades, participando de caminhadas, de protesto, reivindicando, criando projetos, organizando a comunidade, não ia dar para fazer dentro da igreja porque ela é muito limitada, muito cheia de regras, muito cheia de normas. O tempo maior é para as celebrações,

o tempo maior é para a parte litúrgica e não para a vida social, comunitária. Você imagina se eu fosse padre hoje!

**Raissa** – Mas em nenhum momento você pensou em seguir na Igreja como padre para ter esse espaço de disputa?

**Joaquim** – Eu preferi que não. Eu achei que disputando na sociedade eu teria muito mais vantagem, ia conseguir muito mais do que disputando por dentro da igreja. Final da década de 1980, a Teologia da Libertação começa a declinar muito. O Ratzinger (*Papa Bento XVI, que pediu renúncia em fevereiro de 2013*), era o coordenador da Cúria Romana (*órgão administrativo da Igreja Católica*), da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé (*tem a função de difundir a doutrina católica*). Ele coordenou no mundo todo um movimento que perseguiu a Teologia da Libertação. Leonardo Boff, Oscar Romero (*José Oscar Beozzo, bispo da Igreja Católica em El Salvador, denunciou a perseguição de membros da Igreja Católica que tinham trabalhado em favor dos pobres*), Beozzo (*autor de livros e artigos sobre a história da Igreja Católica no Brasil e na América Latina*), Libanio (*Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro*), Carlos Mesters (*membro fundador do Centro de Estudos Bíblicos, CEBI, que tem como objetivo de difundir a leitura da Bíblia nos meios populares*). Todos os teólogos da Teologia da Libertação foram perseguidos. E era esse momento muito ruim, de um novo brotar dentro da igreja. A gente achava que era muito mais fácil fortalecer as comunidades, as CEBs (*Comunidades Eclesiais de Base*), a periferia, o movimento social, do que insistir e ficar brigando dentro de uma igreja que hegemonicamente... Agora, com o Papa Francisco (*sucessor do Papa Bento XVI*), talvez, possa ter uma retomada. Uma igreja que declinou completamente para um tipo de pastoral e de teologia de manter o *status quo*. Não estou fazendo nenhuma crítica a quem pense, quem goste assim, mas eu tinha feito outro tipo de opção de vida. Muito mais radical, muito mais forte, muito mais lutadora. Eu avaliei que era melhor ficar fora,

Ao organizar o material de produção, surpresa! Depois de compilar entrevistas anteriores, reportagens, artigos e documentários, o arquivo ultrapassava as 100 páginas. A recepção da turma não foi muito positiva. Era muita coisa para ler em pouco tempo.



Na reunião de pauta, dois dias antes da entrevista, alguns tópicos foram reordenados. Depois de mais de três horas na sala, foram feitas todas as alterações necessárias. Um novo documento teve de ser enviado para todos.

Um dia antes da entrevista, Joaquim mandou um e-mail para Jéssica Maria confirmando a conversa do dia seguinte; ela respondeu prontamente. Na manhã que antecedeu a entrevista, William ligou para reafirmar o encontro.

que contribuiria muito mais e evitaria muito desgaste pessoal, estar lá dentro brigando, do que ficando fora.

**William** – Joaquim, terminado o curso de Teologia, você já estava pronto para se ordenar (*padre*), mas demorou a publicizar a decisão de que, na verdade, não era esse caminho que você queria seguir. Quando foi falar para o Dom Aloísio, comunicar sua decisão, você diz que, antes mesmo de você falar, ele já sabia para que você tinha ido até lá. Em algum momento, esse respeito, essa figura de referência que Dom Aloísio representa para você o fez pensar em não sair...

**Joaquim** (*interrompendo*) – Ah, muito.

**William** (*continua a pergunta*) – Da vida religiosa?

**Joaquim** – Muito. Muito. Muito. Porque Dom Aloísio apostou nisso. Ele foi muito criticado também, pelos padres da Diocese de Fortaleza. Porque os padres queriam, evidentemente, um seminarista certinho. O clero era extremamente conservador, e ele bancou isso, assim mesmo, no peito. Nós éramos oito e apenas três se ordenaram (*dos que eram bancados por Dom Aloísio*). E eu sabia que, ao não me ordenar, ia fazer peso político contrário a ele, que tinha apostado tanto nisso. Não para ele, porque na sua grande sabedoria ele queria formar pessoas, padres ou não, comprometidos com a fé cristã e comprometidos com as comunidades. Mas eu sabia que os outros iam dizer: “Tá vendo? Tanto dinheiro gasto. Pagamos o estudo do cara e agora nada. Cadê que se ordenou?” Eu sabia que seria ruim para ele. Mas ele estava tão acima disso. Ele estava pouco ligando para o que o clero estava pensando (*Joaquim sorri*). Ele estava feliz da vida porque tinha criado um cristão para contribuir com a humanidade. E foi isso que ele me disse: “Vá! Tire o espinho do seu coração. Fique tranquilo. Não só tem um jeito de a gente servir a Deus” Aí eu corrijo um pouco a tua pergunta. Eu não mudei o caminho. O caminho é o mesmo. De 1980 para cá é o mesmo, que é a luta pela igualdade, pela justiça, a partir da organização dos menos favorecidos, dos mais pobres. Eu mudei a forma. Até então eu tinha uma militância ligada à Igreja, como sendo seminarista ou padre (*Joaquim não se ordenou padre, mas chegou a exercer funções, como celebrar casamentos e batismos*). E a

forma agora foi como líder comunitário, mas o caminho é o mesmo. E ele estava feliz. E, se estivesse vivo, acho que ele continuaria muito feliz, por ver tudo isso que aconteceu.

**Jéssica Maria** – Como você avalia a sua contribuição na mobilização e na organização dos moradores do Conjunto Palmeiras? Quanto você credita a si mesmo na construção do conjunto, a urbanização do conjunto hoje?

**Joaquim** – É difícil falar de si próprio, né? Eu acho que eu me dediquei muito, de lá para cá. Eu fiquei aqui, não saí nenhum dia, dei uma continuidade permanente. Evidentemente que o fato de eu ter estudado teologia, de eu ter convivido com Dom Aloísio, com Manfredo Oliveira, com tantos acadêmicos de grande nome... Eu acho que eu tive uma posição privilegiada no bairro, de ter um conhecimento teórico, embora pequeno, mas muito maior e muito diferente do que eles têm aqui; de ter passado por uma espiritualidade muito forte, por uma crença muito forte de que é possível mudar o mundo, e isso vem me ajudar muito na comunidade a estimular e alegrar a comunidade. E é uma comunidade maravilhosa! O Palmeiras é um celeiro de lideranças comunitárias, pessoas que estão aqui há 20, 30 anos, mais anos do que eu. *Seu Augusto Barros, dona Marinete Brito (líderes comunitários do Conjunto Palmeiras)*, enfim. Eu encontrei um bairro muito forte, de liderança muito forte e eu contribuo. Se eu fosse fazer um esforço, eu diria que tenho a capacidade de alegrar a comunidade muito grande. É um dos dons que eu tenho, de alegrar, de chegar e dizer: “Vamos, gente. Vai ser legal, vai dar certo”. De certa forma, de criar, de ver uma coisa e se iluminar para a ideia muito fortemente. Isso não é nada se não tiver uma comunidade corajosa que queira chegar junto. O Palmeiras é um bairro que tem, no mínimo, 10, 15 lideranças que estão aqui há muito tempo. Outra felicidade é que a gente conseguiu passar – e aí vem da Teologia da Libertação – para a comunidade esse orgulho de ser daqui. Nós gostamos do Conjunto Palmeiras.

**Roberta** – Você, no início da entrevista, disse que as viagens que fez na infância trouxeram a experiência do desapego. Você acha que é apegado ao Conjunto Palmeiras?

**Joaquim** – Não, apaixonado! Apegado não,

Para chegar ao Conjunto Palmeiras, a turma se dividiu em três carros. Os motoristas foram o professor Ronaldo Salgado, o fotógrafo Nathanael e Analu. Cada um da equipe de produção foi em um carro. Assim, ninguém se perderia no caminho.



apaixonado por aqui! Acho que esse é o canto mais lindo do mundo, esse é o canto mais lindo do planeta Terra. E é aqui que a gente fez tudo, é aqui que a gente vive. O primeiro canto para tu gostares e te apaixonares é o teu, se não tu sonhas em ir embora. O melhor canto do mundo é esse aqui, é isso que eu digo para todo mundo. A única forma de a gente ser feliz, e crescer, e melhorar, é acreditando que aqui é o melhor lugar. Eu não sou apegado a aqui, eu sou apaixonado. Eu gosto daqui. Mas eu sairia daqui e moraria em qualquer canto. Não vejo necessidade disso, mas se fosse preciso eu iria. Eu não sou apegado a nada, gente. *(Pede desculpas a Luana que nesse momento faz menção de perguntá-lo. Diz que já conclui).*

Eu estou me lembrando agora da Sandrinha, ela foi minha companheira durante 23 anos *(Sandra faleceu em junho de 2013)*. A gente vivia uma vida muito linda, muito apaixonada, de compartilhar tudo: teoria, conhecimentos, discussões, palavras, enfim. Mesmo assim, dizia sempre isso. A gente tem uma frase, não sei de quem é essa frase, que dizia assim: “Não bote para dentro de você aquilo que você não pode tirar”. Nada. Nem o dinheiro, nem o amor, nem a paixão, nada. Se você não consegue tirar

que é o seu canto?

**Joaquim** – Porque foi aqui onde a história me colocou. Foi aqui onde eu militei. Esse é o bairro que eu construí com os meus companheiros. Construímos, ele todo, em mutirão. Foi aqui que nós criamos o primeiro banco comunitário do Brasil, e hoje se espalhou para a humanidade. Tudo que eu sei eu devo ao povo do Palmeiras, de certa forma. Aqui que eu aprendi tudo, aqui que eu construí minha casa. Aqui é meu lugar, minha vida, minha tribo, meu povo. Eu tenho medo dessa palavra “apegado” ser mal compreendida. Quando eu digo que eu não sou apegado é porque, às vezes, apegado é um pouco de paixão, de amor, de carinho. Não é que eu não tenha isso. É que eu não estou, digamos assim, dependente, talvez seja a palavra. Por mais que você goste, você não pode criar dependência. Mas eu tenho um apego sim *(risos)*. Eu tenho apego, eu gosto muito *(risos)*. Mas se você disser: “Olha, tem uma tarefa para você fazer agora na humanidade”. E muitas pessoas me perguntam isso. *(Comentam:)* “Não vai chegar nunca o momento de você dizer: chegou? Você fez, agora você tem de fazer em outro canto. Tantos cantos na humanidade precisam

Antes de dar início à entrevista, Joaquim fez questão de mostrar todos os espaços do banco aos entrevistadores. Apresentou funcionários e explicou o que funcionava em cada ambiente.

---

**“A única forma de a gente ser feliz, e crescer, e melhorar, é acreditando que aqui é o melhor lugar. Eu não sou apegado a aqui, eu sou apaixonado”**

---

de você, libertar-se dela, não bote para dentro de você, porque você sofre muito quando você perde. Eu dizia isso muito com a Sandrinha. A gente nunca pensou que ela ia morrer, nem ela pensava que eu ia morrer. Mas eu dizia isso. A gente pode ser extremamente apaixonado, a gente não pode ser ligado, porque, se um dia você se separar, você se acaba. Você tem que ter a si próprio como a coisa mais sagrada e mais divina. Então, eu gosto muito do Palmeiras, mas eu não digo: “Sem ele eu não viveria, ou sem ele eu ficaria em depressão, ou sem ele ficaria muito triste” Não. Não pode ser assim. Se você quer ser um militante, se você quer ser um revolucionário, se você quer mudar o mundo, você não pode deixar que nada lhe domine. Não é que você não vá sofrer, nem ter suas paixões, mas você não pode se deixar dominar.

**Luana** – Joaquim, você falou que é apaixonado por aqui, mas não é apegado. Você nasceu em Pernambuco, viveu por um bom tempo no Pará. Por que escolher o Palmeiras? Por que o Conjunto Palmeiras para fincar raízes? Você disse que ele é o seu canto. Por

de pessoas assim, com essa visão. Você não tem de fazer outras coisas?” Eu acho que não, acho que tenho de continuar aqui, né? *(risos)*.

Mas sair de Belém foi mais traumático, eu acho, e vim para cá. Porque em Belém, quando eu estava no seminário, eu começava a fazer minhas relações de amizade, minhas primeiras amizades, antes de vir para cá. Na paróquia onde eu estava, no próprio movimento clandestino, no MLPA. No seminário menos, porque os seminaristas eram muito santos, e eu não gostava tanto *(Joaquim sorri)*. Mas na comunidade onde eu morava, os meus pais, os meus irmãos. Embora eu não tivesse relações profundas, mas eu morei com eles a minha vida inteira, até 15, 16 anos... E eu vim para cá sem nada, não conhecia ninguém, *(era)* jovem. Aí eu acho que foi mais difícil do que *(seria)* deixar o Palmeiras.

**Jéssica Maria** – O Banco Palmas foi fundando em 1998, e foi uma experiência inédita no Brasil. O primeiro banco comunitário *(do País)* surgiu aqui no Conjunto Palmeiras. Como um teólogo, sem experiência em economia ou em áreas afins, teve a ideia de investir na economia

Na data da entrevista, o banco já estava decorado para o Natal. Dali a alguns dias, 100 crianças do bairro apresentariam um recital à comunidade. Orgulhoso, Joaquim dizia que a ideia era “iluminar as ruas do Palmeiras festejando o Jesus na periferia”.

Enquanto Joaquim mostrava as instalações do banco aos alunos, o professor Ronaldo tomou a liberdade de reposicionar as cadeiras e os sofás da sala para acomodar entrevistado e entrevistadores.



solidária como elemento de transformação social?

**Joaquim** – A gente brinca e diz: “O Banco Palmas só surgiu porque não tinha nenhum economista, se tivesse economista não tinha criado”. O que a gente tinha para criar o banco? Duas experiências. Uma é a certeza de que a comunidade é possível, daí vinha a Teologia da Libertação, daí vinham as CEBs. E a leitura do Paul Singer (*economista que trabalha o conceito de economia solidária*). Eu lia muito à época, por curiosidade, a leitura do professor Paul Singer, um dos maiores economistas do mundo, brasileiro, que falava das cooperativas europeias. Eu era muito influenciado pela história de que o povo conseguia juntar dinheiro com o outro, criar cooperativas de crédito na Europa. Eu lia muito sobre essas coisas e daí veio a ideia. Se a gente construiu um bairro, se a gente construiu tudo isso, porque a gente não pode criar um projeto nosso de geração de renda? O nome “banco” veio depois.

Na época fizemos um mapeamento (*da produção e do consumo do Conjunto Palmeiras*), ouvimos essa história toda de que a gente já consumia localmente, já tinha muito dinheiro aqui no bairro. Foi toda uma construção de um ano. Não se tinha o conceito de economia solidária, esses conceitos vieram muito depois. A gente criou o banco como um fundo de crédito para emprestar para a produção e para o consumo, essa é a lógica que a gente tinha. Se a gente produzisse e consumisse aqui mesmo, nós íamos gerar renda. Nós éramos capazes de produzir e consumir, isso era toda a teoria que se tinha localmente, por causa dos estudos que a gente tinha feito. Já que a gente ia consumir, e produzir, e emprestar dinheiro, a gente batizou de banco. Na inocência, e foi a sorte. Depois, deu certo. E dois anos depois que eu vim entrar em contato com os economistas da economia solidária. Eu digo que a gente amanheceu rebatizando os nomes *tudim* que tinha dado. Virou banco, virou prosumidores (*consumidor que produz conteúdo*), redes,

cadeias produtivas. Tudo isso veio depois. Porque depois eu entro em contato com os economistas da economia solidária, os fóruns, as redes de economia solidária. Eu fui conhecendo tudo aquilo muito depois de criar o Banco Palmas. A gente só rebatizou. “Moeda social local circulante”. Fomos colocando nossas criatividade, inteligências, batizando tudo e foi se redefinindo. Mas quando foi criado, a gente não tinha nenhum dos conceitos.

**Jéssica Maria** – No primeiro dia, o Banco (*Palmas*) quebrou porque emprestou os dois mil (*reais*) que tinha e ficou sem dinheiro no caixa. Sobre as dificuldades iniciais do projeto, a criação de uma nova moeda gerou desconfiças na população?

**Joaquim** – Também (*enfático*)! Também! Imagina você pegar um pedaço de papel e dizer: “Isso aqui agora vale dinheiro!” E para um comerciante vender as coisas dele por um pedaço *véi* de papel. Era acostumado com o dinheiro... Quinhentos anos que o Brasil tem dinheiro. Muda de nome, mas o Governo que faz o dinheiro, não é o povo. Então, evidentemente, no começo, as pessoas ficaram (*pensando*): “Vai dar certo? Não vai (*dar certo*)?” Mas teve quatro comerciantes que aceitaram, foi muita coisa. Hoje são 240 (*comerciantes*). Quando ele aceitou o dinheiro, o que era mais importante? Era dizer que ele *tava* aceitando a possibilidade de uma nova regra, de uma nova economia, de um novo projeto. Ele aceitou o dinheiro do bairro, correu todo o risco (*de não dar certo*). Isso era o mais espetacular. Então teve desconfiça, teve medo, que, aos poucos, foram sendo superados.

O problema disso era o governo. O governo brasileiro, quando nós lançamos a moeda, nos processou (*enfático, batendo na mesa*). O Banco Central abriu dois processos criminais contra o Banco Palmas. Isso a gente tem de dizer sempre, em toda entrevista, em todo canto que se vá. Quando nós lançamos a moeda Palmas, o Banco Central mandou processar, mandou prender (*enfático*)! (Por) crime contra o Estado,

A entrevista foi realizada no escritório de Joaquim. De cara, os olhares atentos dos alunos se voltaram para a foto da esposa, Sandra, afixada em um quadro na parede, ao lado dos mapas de consumo e produção do Conjunto Palmeiras.

falsificação de moeda. E, naquela época, em 2003, se a gente tivesse recuado, se a gente tivesse tido medo e tivesse acabado com a moeda e com o banco, hoje, no Brasil, não se falava mais nisso e nem vocês estariam aqui, me entrevistando. Nós enfrentamos o Branco Central. Você imagina o que é um pobre de uma associação, sem nenhum advogado, sem nada, liso (*sem dinheiro*), enfrentar um processo do Branco Central do Brasil com seu corpo de advogados, dizendo que você era criminoso! E nós enfrentamos e fomos ao julgamento, e o juiz, com muita moral, muita personalidade, absolveu. "Não se vê crime nessa moeda. Isso é para criar uma geração de renda para os mais pobres" Nós enfrentamos o Banco Central e depois fomos para cima do Banco Central e fizemos disso um fato político.

Hoje o Banco Central reconhece, tem uma lei que normatiza, tem uma lei que reconhece que é importante a moeda social. O maior problema nosso não foi o povo. O povo foi, aos poucos, acreditando, e acreditou (*enfático*)! Foi o governo (*enfático*)! O governo tentou acabar com essa experiência criminalmente, dizendo que a gente era bandido. Nós ganhamos na justiça. Se o juiz tivesse dito que era crime, a gente *tava* preso! É bom que se tenha notícia disso. É um fato relevante na nossa história. Falsificação de moeda no Brasil, crime contra o sistema financeiro nacional dá 20, 30 anos de cadeia. Se o juiz tivesse entendido que a gente *tava* fabricando dinheiro, como o Banco Central entendeu na época, a gente poderia estar hoje no presídio por crime contra o Estado! Olha o prejuízo para a humanidade! Não só para economia solidária, para a humanidade toda, que seria isso! Ter o grande líder, que criou o banco, preso. Mas ninguém mais quer saber disso. Hoje, acabou o problema, o Banco Central é amigo, enfim. Na semana passada, fizemos lá o congresso (*Joaquim refere-se ao V Fórum Banco Central Sobre Inclusão Financeira*) com eles e tudo mais.

Mas essa capacidade de resistir, de enfrentar, vem da tua primeira pergunta. "Por que é que tu não foge da missão?" Porque a gente acredita na missão. Isso aqui não é brincadeira, não é charme, não é transitório. Por isso que *tá* aqui até hoje também, *né*? Porque para nós é uma missão, é uma causa, é uma crença. Eu acredito, em se tratando de banco, que é possível um outro modelo que não seja controlado pelo governo. Que a comunidade pode criar seu banco, pode dar certo e ser melhor para o povo do que os bancos oficiais. Venha segunda-feira de manhã aqui, neste banco. Qualquer coisa que você faz numa agência bancária você faz aqui. E vá numa agência bancária para você ver a quantidade de gente na fila. Parece um furacão. E (*veja*) como o povo é tratado aqui. No ar-condicionado, com café, com água, com

carinho, com cheiro no rosto (*risos da Luana e da Analu*). É, porque eles são da comunidade. Os atendentes são da comunidade, o povo é da comunidade. (*Quando*) entram aqui é uma brincadeira! Uma vem com o menino debaixo do braço, a outra vem com o cachorro, (*dizendo*) "Ah, mulher, não sei o quê..." É a vida comunitária, a relação comunitária, são as pessoas criando vida a partir do nada. Agora vá numa agência bancária. Lotada, imparcial, o povo vem reclamando da vida. Então, é possível um outro modelo de banco. Essa é uma crença. Agora eu vou com ela (*olhando para a Joyce*). Vai.

**Joyce** – Então, vocês foram inocentados porque justamente o juiz entendeu a questão, *né*?

**Joaquim** – É.

**Joyce** – Você até menciona que o juiz falou que o Banco Central deveria se envergonhar de estar processando vocês. A minha questão é: por que uma instituição financeira interpretou a situação como crime contra o Estado quando ela era a mais apropriada a visualizar o projeto que estava se desenvolvendo?

**Joaquim** – Porque ela é feita para o rico! O Banco Central nasceu, foi criado pelo governo, para tomar conta dos bancos ricos, dos grandes bancos oficiais, públicos e privados. Ele *tá* ali para servir à banca. Ele *tá* ali para servir aos interesses dos banqueiros. Isso deveria ser proibido, *né*? O Banco Central *tá* lá para fiscalizar, e quem é o presidente? É um parceiro. É sempre um cara que vem de uma instituição financeira. Quer ver a palhaçada para aprimorar esse debate? Quando a comunidade criou a moeda (*Palmas*), que não tem lucro nenhum, porque a gente não vende a moeda, só troca, para gerar renda, o Banco Central cria a insensatez de proibir isso, com medo disso aqui se espalhar e querer superar a outra moeda (*o real*). Eles poderiam ter esperado um pouquinho mais, porque hoje, com 103 (*bancos comunitários em todo o Brasil*), talvez

---

**"Tudo que eu sei eu devo ao povo do Palmeiras, de certa forma. Aqui que eu aprendi tudo, aqui que eu construí minha casa. Aqui é meu lugar, minha vida, minha tribo, meu povo."**

---

Dentro da sala de Joaquim, o espaço estava um pouco apertado, o que gerou algumas dificuldades para que o fotógrafo Nathanael conseguisse captar as imagens de diversos ângulos.

A equipe de produção levou algumas edições da *Revista Entrevista* para presenteá-lo. Ele folheou as revistas, comentando alguns dos entrevistados. Sobre esta edição, brincou: "Minha foto vai ser a primeira, né?" A turma toda riu.

Joaquim disse estar nervoso e aproveitou para explicar o dedo machucado. Professor Ronaldo, sempre atento, perguntou se era uma estratégia para se familiarizar com a turma. Joaquim sorriu, afirmando que sim.

fosse melhor de processar, né? (*risos*) Naquela época era só um, (*o BC*) não pegou. Porque ninguém podia fazer outra moeda. Era crime contra o Estado, porque só o Banco Central podia fazer a moeda

**Joyce** (*interrompendo*) – E só em 2011 eles reconhecem a legitimidade do projeto, né? Por que oito anos depois de vocês terem sido...

**Joaquim** (*interrompendo e sobrepondo o tom de voz à pergunta da Joyce*) – Pressão política, pressão política. Vários bancos (*comunitários*) surgindo no Brasil, a pobreza gigantesca, e nós desafiamos (*o Banco Central*). Essa história que eu tô contando para vocês eu contei em milhares de locais na minha vida, nacional e internacionalmente. O mundo todo (*estava*) chamando o Banco Palmas para dar palestras, para querer saber dessa nova moeda, dessa nova economia, e não poderia o Banco Central frear, porque as moedas papocaram em tudo quanto é canto e nós o provocamos diretamente. Porque o Banco Central, eu sei que é um papo que não interessa muito, mas só para dizer, o Banco Central tem duas funções constitucionalmente, duas funções. Uma: fiscalizar o sistema financeiro. Fiscalizar para que não tenha roubo, suborno... Duas: garantir que todo brasileiro tenha acesso aos serviços financeiros. O que é acesso? É crédito, conta corrente, seguro, transferência bancária, é tudo. Cinquenta e seis por cento dos brasileiros estão fora do sistema financeiro. Por que nós começamos a dizer isto: ele (*o Banco Central*) não tá cumprindo o dever constitucional dele, e nós estamos com alternativas (*bate na mesa*), que são os bancos comunitários, que abrem conta corrente, dão crédito (*bate na mesa novamente*). Houve um enfrentamento muito forte, e o Brasil comendo pó, porque, na América Latina, era um dos países que mais tinham exclusão financeira. Aí juntaram e botaram dentro do departamento de inclusão financeira as moedas sociais do Brasil.

**Analu** – Joaquim, diante de tantas dificuldades que você tá falando, (*como*) por exemplo, o processo do Banco Central, também teve a desconfiança por parte da comunidade e o banco, logo no primeiro dia, quebrou, porque emprestou todo o dinheiro do caixa. Lembrando dessas dificuldades, algum dia você pensou que essa experiência poderia não dar certo? Você chegou a acreditar nisso?

**Joaquim** – Nunca, eu confesso que nunca. Aparentemente tiveram todos. Esse do Banco Central foi um apanhado de coisas, você imagina! Dinheiro para emprestar a gente não tinha, nenhum centavo. A gente ficou muitos anos com doações internacionais, porque o Brasil não acreditava que o banco fosse dar certo. Em 2005 foi o primeiro acordo com o governo brasileiro, quando a gente conseguiu

**“Quando nós lançamos a moeda Palmas, o Banco Central mandou processar, mandou prender! (*Por*) crime contra o Estado, falsificação de moeda.”**

o primeiro dinheiro emprestado com o Banco do Brasil. Hoje, temos (*parcerias*) com o BNDES (*Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social*), com todos os bancos. Mas (*na época*) não tinha dinheiro para fazer o banco, todo mundo acreditava que não ia dar certo e todo mundo queria que não desse certo. O governo brasileiro investiu para que não desse certo, porque ele acha que o poder vem dos bancos, que o controle tem de ser dos bancos. Comunidade criar banco? E se essa moda pega? E se essa moda pega? Em 2007, a deputada (*federal, pelo Partido Socialista Brasileiro*) de São Paulo, Luiza Erundina, botou no Congresso Nacional uma lei que regulamentava os bancos comunitários. Dizia assim: “Os bancos comunitários precisam entrar no sistema brasileiro e podem fazer poupança, podem se exercer como banco”. Até hoje a lei não foi aprovada, porque o Ministério da Fazenda e o Banco do Brasil foram contra, diziam que isso era um absurdo, porque, se a comunidade começasse a poupar e a depositar nesses bancos comunitários, ia começar a esvaziar a poupança desses bancos (*oficiais*), ia começar uma economia paralela. Como é que os bancos ficavam nisso? O Banco Central enlouqueceu também: “Que negócio é esse?” E até hoje. Estamos há oito anos brigando com o Congresso Nacional e a lei não sai. Porque o governo acha que não, é ilegal, e hoje temos o apoio do governo, hoje temos projeto com o Senai, com a Secretária Nacional de Economia Solidária, com o BNDES, com a Caixa Econômica, mas os grandes *lobbies*, os grandes bancos, o Ministério da Fazenda, deixam acontecer pequenininho, “porque, se o negócio crescer, chega perto da gente, né?” (*pensam*) Eu aponte para o fotógrafo, coitado. Ele não fala nada, né? (*todos se voltam para o fotógrafo Nathanael e caem na gargalhada*).

**Bárbara** – Qual o sentimento, hoje, ao olhar para essa sua criação e o impacto positivo que ela teve, não só na vida das pessoas que moram no Conjunto Palmeiras, mas na vida das pessoas, enfim, de cidades diversas que antigamente tinham um acesso muito

Duas funcionárias do banco levaram água a todos que estavam na sala, para a alegria dos dez entrevistados. Analu, atenciosa, repunha a água no copo de Joaquim sempre que acabava.



Durante a conversa, várias tentativas de interromper o entrevistado foram feitas pelos alunos. Joaquim pedia sempre para aguardar, pois iria concluir o raciocínio.

dificultado a qualquer banco e hoje têm isso mais facilitado, graças a essa sua criação, que alcançou esses outros espaços... Qual o sentimento?

**Joaquim** – Essa é a maior felicidade. Este ano fez 15 anos de Banco Palmas e, no livro (*Banco Palmas 15 anos: resistindo e inovando*) que a gente lançou (*no início de 2013*) e em outros programas de reportagem, as pessoas sempre perguntam isso: “Quinze anos, ok. Qual foi a maior contribuição?” E eu tenho dito o seguinte: a maior contribuição foi que a gente pautou o Brasil nesse tema. Hoje, além de serem 103 (*bancos comunitários*) no Brasil, o governo reconhece, tá no PPA, Plano Plurianual do Ministério (*Joaquim confunde-se, na verdade é do Governo*) Federal. Eu estava ontem em Brasília, no Ministério do Trabalho, com ministros e várias outras pessoas, discutindo bancos comunitários. O Brasil botou para dentro de sua agenda esse tema, O BNDES apoia, a Petrobrás (*também*), o Banco Central criou um departamento que cuida dos bancos comunitários. Nós convencemos o Brasil de que é possível um outro modelo de banco! Não sei se isso vai estourar daqui a anos – eu espero que nós sejamos 500 mil bancos daqui a poucos anos –, ou de repente pode até ir para trás, mas hoje o Brasil tem isso em pauta. A minha grande alegria é que a gente pautou o Brasil. São dezenas de universidades que têm incubadoras de bancos comunitários: a Federal da Bahia, a Federal de São Paulo, a Federal Fluminense... E esse modelo começou aqui no Nordeste, no Ceará, nos grotões, para irritar o pessoal do Sul. Eu falei isso no *Quem se importa*, aquele documentário (*dirigido por Mara Mourão, o longa-metragem de 93 minutos foi filmado em sete países e mostra o trabalho de 18 empreendedores sociais cujas ideias visionárias já transformaram milhões de vidas*): foi nos grotões do Nordeste, na favela de Fortaleza, que nasceu a tecnologia que o mundo copiou. Não foi no eixo Sul-Sudeste. Então, essa é a grande alegria: eu acho que a gente já pautou o Brasil. Se o Banco Palmas terminar amanhã, terminou aqui, mas o Brasil já tá parido, isso já se viralizou no Brasil inteiro.

**Raíssa** – Mas trazendo especificamente para a realidade do Conjunto Palmeiras...

**Joaquim** (*interrompendo*) – Tá certo, trago.

**Raíssa** – Porque o Banco tem 15 anos de atuação na inclusão financeira e econômica dos moradores do Conjunto Palmeiras, mas uma pesquisa recente divulgada nos jornais mostrou que o Palmeiras ainda figura como um dos bairros mais pobres de Fortaleza. Especificamente para a realidade do bairro, qual é a maior contribuição do banco?

**Joaquim** – Gerou milhares de empregos. O Banco Palmas gerou 1.800 postos de trabalho, de quando começou para cá. Ele jogou, de 2010 para cá, 12 milhões (*de reais*) de crédito no bairro, através de microcrédito, e o comércio cresceu 30%. Agora, tua pergunta é muito mais ampla, porque um banco comunitário não pode ser avaliado simplesmente pelos números econômicos. Ele é uma resistência, é uma nova forma de se organizar uma economia. Para mim, tão importante quanto tantos empregos eu gerei é (*saber*) quantas pessoas começaram a militar e se organizar na comunidade, ou quantas pessoas começaram a acreditar que é possível uma sociedade mais justa. Esse é o papel também do banco comunitário. Por isso que é banco comunitário. Ele não é comunitário simplesmente porque é na comunidade, porque o papel de qualquer banco do mundo é fazer intermediação financeira, ele empresta dinheiro para ganhar dinheiro, ele pega numa ponta e empresta na outra, em geral, isso é um banco. Um banco

“Ele (o Banco Palmas) traz credibilidade, reconhecimento para comunidade, reorganiza as pessoas.”

Ao final de cada questionamento, ele olhava fixamente para quem havia perguntado e, só depois de alguns segundos, começava a falar. As respostas sempre vinham acompanhadas do bom humor característico de Joaquim.

Ao concluir uma resposta, Joaquim, por vezes, indicava que já podia ser perguntado novamente. Ele falava "vai", apontando para quem estava com a mão levantada, demonstrando interesse em questioná-lo.

comunitário não é comunitário porque ele é da comunidade. Isso é um elemento, ele é propriedade comunitária, mas é porque ele gera, reorganiza a economia local, colocando as pessoas para comprarem e venderem umas para as outras, a colaborarem entre si, a cooperarem, a criarem relações sociais, a criarem ambientes onde a fraternidade, a solidariedade e a luta se tornem muito mais fortes. Tem toda essa contribuição. Hoje o bairro é muito mais organizado, muito mais fortalecido, muito mais respeitado. Ele (*o Banco Palmas*) traz credibilidade, reconhecimento para comunidade, reorganiza as pessoas.

Agora, os dados de pobreza que o Ipece (*Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará*) lançou têm de ser muito bem compreendidos. Primeiro que ele fala em PIB (*Produto Interno Bruto*). PIB não é pobreza. Quando a gente fala que uma região é mais pobre (*do*) que outra, o que ele faz? Ele tira a média. O que é o PIB, como é que se mede o PIB? Eu conto o que *tu ganha*, o que *tu ganha*, o que *tu ganha* (*apontando para os entrevistadores como exemplo*) e divido por todo mundo, não é assim? Se ele ganhar 10, ela 20, soma e divide por todo mundo, e tem o PIB *per capita*. As pessoas apressadamente chamam de pobreza. O que o Ipece tirou foi o PIB. No PIB *per capita*, pode ser que as pessoas sejam muito pobres, como pode ser que as pessoas são muito iguais. Então, talvez (*o Palmeiras*) seja o bairro onde a renda é mais bem dividida. Porque, se você vai na Aldeota, o cara tem um real, o outro ganha um milhão (*de reais*), quando você tira o PIB, um milhão e um real dividido por um dá quase 1 milhão, mas tem o miserável lá que não saiu no PIB. O PIB não é pobreza, é a renda dividida. O Palmeiras é muito igual, não há ricos aqui. São todos igualmente pobres, não tem classe média, por isso que o PIB dá muito baixo, o que não quer dizer que é o bairro mais pobre economicamente. Ele tem o PIB menor porque não têm pobres e ricos aqui dentro.

---

**"Um banco comunitário  
(...) reorganiza a  
economia local,  
colocando as pessoas  
para comprarem e  
venderem umas para  
outras, a colaborarem  
entre si, a cooperarem."**

---

Com uma hora de conversa, o professor Ronaldo sinalizou para Jéssica Maria, por meio de uma anotação em seu inseparável caderninho, que a entrevista já havia chegado ao meio.

**Joyce** – O Conjunto Palmeiras é uma comunidade extensa, *né?* São mais de 30 mil moradores. E, apesar do histórico de luta, de solidariedade, também existe exclusão. Apesar de você ter falado também que não tem rico, não tem pobre, existem áreas que são mais favorecidas, do ponto de vista de desenvolvimento mesmo. O banco consegue, hoje, servir democraticamente a toda a população do Palmeiras? Eu digo, consegue integrar novas demandas das pessoas que chegaram depois dos antigos moradores? Consegue atingir além dessa parcela mais antiga?

**Joaquim** – Ele é um banco comunitário, (*portanto*) tem limites. Nossa carteira de créditos, hoje, é (*de*) 3 milhões de reais. Um correspondente bancário atende, em média, 6 mil pessoas por mês, então a gente faz 24 mil operações, por crédito, com o dinheiro que a gente tem. Por ano, 2.500/3.000 pessoas, aí tem mais de 1000 famílias no seguro, então tem um limite. A gente pode crescer muito mais, atender muito mais, mas certamente tem duas pessoas que gostariam de ser atendidas, que o banco não consegue com o limite que ele tem, de estruturas, de funcionários e de dinheiro. No ano que vem (*2014*), vamos lançar o Banco da Periferia, a gente *tá* com a ideia, porque o Banco Palmas deu certo no Palmeiras. Por que a gente não pode levar isso para todas as periferias de Fortaleza? As mais pobres. A gente quer lançar um banco em cada periferia dessa, vai ser um conglomerado de 30 bancos comunitários, com um tronco só organizado a partir do Palmas, mas espalhado; a gente quer atender 1 milhão de pessoas, claro que depende de recursos, de novos projetos, estamos negociando com isso. Então, ele tem limite de atendimento ainda bastante acentuado, embora atenda a muitas pessoas. Portanto, como a gente está há muitos anos nessa caminhada, a gente já tem um acúmulo de questões que foram levantadas, que a gente fica muito sensível. A gente precisa definir crescimento para desenvolvimento. Então não é que o Palmeiras não seja desenvolvido, ele é extremamente desenvolvido, ele não é crescido.

**Camila** – Nós falamos sobre a contribuição do Banco Palmas para o Conjunto Palmeiras. Mas e para você, na sua vida, quais são os impactos desse projeto?

**Joaquim** – Do Banco Palmas? Todo! É do que eu vivo! A primeira contribuição boa é que ele me emprega (*risos*). Eu sou empregado do banco, um assalariado, tenho carteira assinada aqui, então meu emprego é no Banco Palmas. E (*ele*) me levou para o mundo todo. Hoje eu dou palestras, viajo o mundo todo – o mundo todo é exagero! Alguns países já me convidaram, me escutam muito, eu tenho a

oportunidade de conhecer muitas pessoas, muitas experiências, para contar essa história do Conjunto Palmeiras. O Banco Palmas, hoje, é uma parte integrante dessa história. E todo o conhecimento que eu tenho de economia... Todos os nossos funcionários são pessoas da comunidade, que começaram com a gente e, hoje, uma geração de pessoas que se criaram aqui discute economia com qualquer um. Ele me ensinou, me levou para o mundo, me deu oportunidades. Hoje, é meu patrão, foi aqui que eu me casei duas vezes, então tudo que eu tenho na vida foi aqui. Eu devo muito a ele – não é que eu deva, porque eu também contribuí muito. Eu partilho muito com ele todas as coisas que eu tive, que tenho. É um projeto em vida, então estamos quites.

**Analu** – Joaquim, naquele dia que eu, o William e a Maria viemos aqui no Banco Palmas, nós tivemos a oportunidade de conversar com a Otaciana (*funcionária do Banco, conheceu Joaquim em 2000*), e uma coisa muito interessante que ela disse...

**Joaquim** (*brincando e interrompendo*) – Ela mente muito, tem de ter cuidado, hein? (*risos de todos*)

**Analu** – Não, mas com relação a isso acho que ela não mentiu. Ela colocou uma coisa muito interessante sobre a sua personalidade, (*disse*) que você é uma pessoa muito divertida, que até a desgraça você dá um jeito de deixar um pouco mais divertida. Eu até perguntei se ela achava que você era um eterno otimista e ela disse que sim. Ser essa pessoa tão alto-astrol, de bem, divertida, otimista, o ajudou, de alguma forma, nesse tempo todo em que você vem construindo sua carreira, a lidar com o sofrimento do outro?

**Joaquim** – Muito, muito, muito mesmo. Porque, primeiramente, eu acho que ser alegre é uma obrigação do líder. Alegria as pessoas, trazer prazer para elas, fazer os outros felizes, acolher. Tem gente que é assim. Alegria é uma das coisas mais nobres do ser humano! Eu dei aula (*durante*) muitos anos da minha vida. Depois que eu saí da Igreja, dei aula aqui nas escolas do Palmeiras. Era professor do 1º grau do Ensino Fundamental. Dava aula numa escola pública, tinha contrato com a Prefeitura (*de Fortaleza*) e minha maior alegria era que minhas aulas eram muito prazerosas. Os alunos gostavam de ir para a sala de aula. E eu dizia assim: “No dia que eu não vier para sala de aula, o diretor disser: ‘o professor não veio’ e os alunos comemorem: ‘oba!’, é uma desgraça aquilo ali, é porque a aula é muito ruim, não tem prazer nas pessoas”. As minhas aulas eram muito prazerosas. (*O contato com*) a Otaciana surgiu daí, nem me lembro mais. Mas quase todos eles foram meus alunos. Então, ser alegre e alegrar as pessoas é uma virtude, uma obrigação de um líder. Ele tem de trazer

prazer, alegrar. É um líder, é referência. Se eu chego na reunião triste, cabisbaixo, para baixo, desanimado, o que os outros vão fazer? Estar dizendo: “Vai dar certo, vamos que vamos, é isso aí” ajuda a superar as dificuldades. E a alegria vem da certeza (*de que*) você tem de estar de bem com a vida.

**Roberta** – Algo o fraqueja?

**Joaquim** – Muitas coisas. Fraquejo? Sei lá, o que é fraquejar? Entristece, dificulta, acho que sim. Desde coisas bobas – eu tenho medo de altura, por exemplo, e sou obrigado a andar de avião, imagina, *né?* A dificuldade? Às vezes tenho pânico de altura, por exemplo. Eu viajo muito e às vezes fico com pânico dentro do avião. Mas eu vou, não tem esse negócio não. Claro, muitas coisas da vida. Deixa-me extremamente angustiado essa coisa pouca que o povo precisa para ser feliz e não tem. E o povo espera muito de você, porque você é referência. Então essa dificuldade, essa ausência de política pública, essa certeza que se pode fazer muito mais e a gente não tem oportunidade para dar para as pessoas que querem fazer as coisas e às vezes se perdem na vida... A desigualdade, eu diria, a brutalidade da desigualdade, é uma coisa que entristece muito. E a dificuldade que os pobres têm para ter acesso às coisas. Eu sou muito pouco exigente com a vida. O que eu tenho acho que é suficiente, embora tenha muito pouco, eu sonho em estudar, passear, viajar e eu acho que a vida me deu a luta, o trabalho, o cotidiano. Eu acho que a desigualdade me entristece muito, a impossibilidade de fazer muito mais coisas que a gente poderia fazer na comunidade.

**Jéssica Maria** – Joaquim, o lema do bairro é: “Deus construiu o mundo e nós construímos o Conjunto Palmeiras”. Em entrevista anterior, você disse que quem resolve os nossos problemas somos nós. E também vamos lembrar da sua decisão de atuar junto à comunidade, não se tornando padre, porque teria uma maior facilidade para resolver problemas e atuar junto à população. A pergunta que eu faço para você é: em algum momento a fé na capacidade do homem de transformar a realidade suplantou a fé nas instituições religiosas?

**Joaquim** – A pergunta da menina é uma filosofia de vida, *né?* Não é uma pergunta! (*risos*) Mas eu acho que sim. (*pausa*) Como é? (*mais risos de todos*) Eu pensei tão alto, pensei tanto na resposta que ia dar, que esqueci da origem da pergunta. Só o finalzinho, filha, diga aí.

**Jéssica Maria** – Se, em algum momento, a fé na capacidade do homem de transformar a realidade suplantou a fé nas instituições religiosas.

**Joaquim** – Ah, sim, *tá* certo! Eu acho que sim! Acho que a capacidade, naquela época e hoje, da sociedade livre, organizada

Dois meninos, meio encabulados, abriram a porta da sala quase ao fim da conversa. Eles foram ao banco na tentativa de conversar com Joaquim, que, devido à entrevista, não pode atendê-los no momento.

Quando William anunciou para a turma que faria a última pergunta, por conta do tempo que já havia estourado, Joaquim reagiu dizendo: “Olha aí, tá vendo? Nem doeu, né?” Todos riram.

Ao fim da entrevista, ele comentou: "Agora meu sonho é ver a revista, esperar que fique boa e que (eu) seja convidado para a festa (de lançamento)". Jéssica Maria respondeu: "Mas não já foi convidado, Joaquim?"

em comunidade, se encontrar e resolver seus problemas, é muito maior do que a instituição da Igreja, do que as instituições religiosas. Hegemonicamente, as instituições hoje ainda continuam muito presas à Igreja templo, à Igreja instituição – as suas regras, as suas normas, os seus cânones, a sua vida. Ela é muito para dentro de si própria, para o seu próprio ego, para sua própria instituição. Eu acho que isso é muito menos produtivo, dá muito menos resultado, como estratégia de solução, de luta pela igualdade, do que a sociedade organizada, com absoluta certeza. E eu te peço desculpas por não ter entendido – vou ser bem honesto –, é porque eu ainda estava focado na pergunta dela (*aponta para a Roberta*), da tristeza.

**Roberta** – Muitas reflexões, essa pergunta?

**Joaquim** – É, porque eu acho que uma das minhas maiores tristezas foi a morte da Sandrinha agora, há pouco tempo, em 14 de junho. (*Com*) a Sandra, eu passei 23 anos construindo quase tudo isso que nós estamos falando aqui e eu achei a maior tristeza da minha vida quando ela morreu (*fica em silêncio*). E eu volto para pergunta do sorriso, que era uma das coisas que a Sandra também me dizia, eu até boto isso nas palestras: "Por mais cruel que seja a saudade e a dor, não perca a capacidade de sorrir e alegrar as pessoas". Aqui já era ela bem doentinha, já para morrer. E eu boto isso quando eu falo hoje em público, no *PowerPoint*, como último slide. Boto a foto dela e digo isso: por mais cruel que seja a saudade, não perca a capacidade de brincar e de fazer humor. Mas (*se*) vou falar de uma tristeza, (*de algo*) que entristece, eu acho que a perda da Sandra foi, disparadamente, a maior tristeza da minha vida. E foi este ano. Mas eu *tô* aqui conversando com vocês e sorrindo, *né*? Mas estamos bem, foi só um parêntese, porque eu fiquei com isso na cabeça que eu não tinha falado. Pode ir.

**Raíssa** – Joaquim...

**Joaquim** – Vai lá.

**Raíssa** – Você conta várias adversidades pelas quais já passou e você acabou de contar a maior dor que você já teve na sua vida. E você demonstra um equilíbrio emocional muito grande. Durante a entrevista, isso fica...

**Joaquim** (*interrompendo*) – Queira Deus! Obrigado.

**Raíssa** – (*continua a pergunta*) Fica muito claro. Trabalhar com os mais pobres também lhe trouxe esse equilíbrio emocional? Ou estudar no seminário... De onde vem esse equilíbrio, essa sua serenidade?

**Joaquim** – Primeiro, (*gostaria de*) agradecer muito, porque não me considero uma pessoa serena e equilibrada. Eu acho que sou muito louco, muito explosivo, muito ansioso. Mas eu entendo muito bem a tua questão. Eu acho que os pobres, embora tenham uma dor e um sofrimento muito profundo, têm uma

capacidade de resistir à dor enormemente. Para suportar a vida que eles têm, de penúria total, de ausência de saúde, de educação, de esporte, de compreensão, de violência, de espancamento, eu acho que eles têm uma capacidade de superação e de suportar a adversidade, suportar dores, muito forte. Isso ajuda muito a gente a entender e deixar por menos coisas que poderiam parecer um bicho-papão. E se alegrar! E se alegrar! Não é fácil, mas acho que os pobres são muito isso.

Como é que o pobre consegue rir? Venha aqui para reunião das mulheres do Bolsa Família! Você diz uma piadinha, elas acham graça demais! A peça – eu acho que falei da vez passada (*refere-se ao primeiro contato da produção da entrevista*). As mulheres fizeram uma peça de educação financeira e apresentaram no Banco Central, os banqueiros ficaram tudo babando. A peça traz a mulher pobre da favela, completamente caracterizada, gorda, os cabelos sofridos, a pele estragada pelo tempo, extremamente natural, sem uma pintura, sem nada. Ela é ela mesma ali. Ela entra com a vassoura, pega a vassoura, vai pro meio e começa a dançar: "Naná, rebola, não sei o quê..." e faz aquela dança, numa alegria danada, e o pessoal, os engravatados, totalmente presos e sofridos começam a achar graça daquela mulher simples e extremamente feliz, brincando, e ela brinca com eles, pega na cintura e roda. Só os pobres têm essa naturalidade. Eles conseguem, com muito pouco, serem felizes e suportar a pobreza, suportar o sofrimento. Essa é uma riqueza muito grande. Que não é alienação! Eu *tô* falando de outra coisa: não é porque é alienado, porque é assim. É que é da natureza dele. Até pelo próprio espírito mais solidário, de se juntar para superar. Para superar a dor ele brinca, *né*? Ele tem essa comédia.

**William** – Joaquim, você fala que o povo espera muito de você como líder, porque você é uma referência para comunidade. E você disse, na pré-entrevista, que nada foi tão forte quanto a sua missão. Nem os estudos, nem os amores que o Palmeiras lhe deu, nem os filhos que não vieram por decisão sua e da esposa.

**Joaquim** – Das (*esposas*). Joaquim teve outro relacionamento antes de Sandra, com Dora).

**William** – As escolhas priorizaram sempre o próximo. Então quando é que o Joaquim prioriza a si?

**Joaquim** – Nunca (*pausa*). Nunca! A própria pergunta já responde. A minha prioridade é essa missão, é essa luta coletiva, essa vida, esse processo contínuo na luta pela justiça, na organização dos pobres, na organização do povo como capacidade única de chegar a esse sonho. Então, eu tento viver bem, tento me cuidar, na medida do possível. Ir ao dentista,

Logo depois, para descontrair as emoções da boa conversa, os alunos, o professor Ronaldo e Joaquim se espalharam pela fachada do Banco Palmas para mais um registro de Nathanael.

cortar o cabelo, tomar banho, essas coisas todas. Mas não pensar *(com ênfase)* em si. Eu acho que preciso estar bem para melhor servir. Preciso estar o melhor possível, no que der, sem exagero e sem esperar muito da estética da coisa. Hoje eu digo que eu tenho de estar o melhor possível para melhor cumprir essa minha missão. Eu acho que isso sim. Agora eu não tenho nenhum pensamento para mim. De dizer assim: "Não, ano que vem eu vou me dedicar a fazer um curso, vou me dedicar a correr de manhã cedo para ficar mais em forma, bonito e tal, vou me dedicar a visitar parentes ou fazer viagens". Eu não tenho nenhum plano desses, nenhum pensamento. Então pensa aí: "O que é que o senhor pensa? O senhor pensa alguma coisa?" *(rindo)*. Eu acho que o ano que vem tem de ser o ano *(nesse momento, dois garotos aparecem na porta da sala e Joaquim pede, educadamente, para que aguardem até a conversa acabar)*... Aí eu acho que ano que vem a gente tinha de fazer mais bancos comunitários, é o Banco da Periferia, são 30 bancos integrados, *né?* Estamos lutando para fazer o banco eletrônico, que é a moeda social eletrônica. Esses são os grandes sonhos, são os grandes pensamentos. E é assim que eu vivo feliz, isso que me anima a caminhar, isso que me anima a ir para frente cada vez mais. Quando eu digo assim: "Eu não tenho pensamentos para mim", eu realmente não tenho. E não me entristece. Se me entristecesse, eu os teria. A gente tem de ser feliz. Cada um é feliz de um jeito, *né?* E se você me perguntar: "E você é feliz?" Uma mulher *tá* fazendo um documentário sobre minha vida e disse assim: "Mas eu preciso de alguma coisa, de algum momento em que você caia, porque um filme é assim: ele vai, tem uma decaída e depois sobe. Qual é o momento? Eu tenho de encontrar uma dor de barriga em você, alguma coisa. Não é possível, *né?* Tem de ter algum momento ruim que aconteceu, alguma tragédia, e você tem de contar que é para o filme ter emoção" *(risos de todos)*. Eu digo: "Danou-se! Lascou-se, agora! Eu não sei!" Não é que não tenha coisas ruins, difíceis, mas cada qual é feliz de um jeito, *né?* Essa foi a forma que eu me encontrei. Não é uma coisa de agora, que eu decidi: "Agora, daqui para frente..." Foi sempre, a vida inteira foi assim.



Com a decupagem da entrevista, o trabalho da equipe de produção não terminou. Foi necessário confirmar alguns nomes citados por Joaquim durante a conversa, para melhor referenciá-los.

Após esta última entrevista, o trabalho em equipe acabou aproximando os entrevistadores. Terminado o processo, ficou a certeza de que a realização das tarefas de produção em conjunto estimulou a cooperação e só (con)firmou os laços de amizade, inclusive com o professor Ronaldo.